



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

**LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY**

**TCHEKA: *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói***

**JESUALDO NUELSON GOMES DA COSTA**

**2021**

**JESUALDO NUELSON GOMES DA COSTA**

**LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY**

**TCHEKA:** *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção de grau de Mestre.

**Orientadora:** Profa. Dra. Denise Carrascosa França

2021

Costa, Jesualdo Nuelson Gomes da.

Literatura guineense e as contribuições das obras de Tony Tcheka: Noites de insônia na terra adormecida e Guiné Sabura que dói / Jesualdo Nuelson Gomes da Costa. - 2021.

98 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Carrascosa França.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Literatura guineense. 2. Literatura guineense - História e crítica. 3. Literatura guineense - Aspectos sociais. 4. Poesia guineense. 5. Tcheka, Tony, 1951- - Crítica e interpretação. 6. Características nacionais guineenses na literatura. I. França, Denise Carrascosa. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 869.09

CDU - 821(665.7).09

JESUALDO NUELSON GOMES DA COSTA

**LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY**

**TCHEKA:** *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção de grau de Mestre.

**Orientadora:** Profa. Dr<sup>a</sup>. Denise Carrascosa França

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Denise Carrascosa França

Orientadora

Prof. Dr. José Henrique de Freitas Santos

Membro Interno

Prof. Dr. Jesiel Oliveira Filho

Membro Externo

## Resumo

O presente trabalho dividido em quatro (04) capítulos apresenta uma breve análise sobre o cotidiano do povo da Guiné-Bissau, através das obras *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996) e *Guiné Sabura que Dói* (2008) do escritor Antonio Soares Lopes Junior cujo pseudônimo Tony Tcheka. Intitulado LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY TCHEKA: *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói*. Durante o percurso da dissertação o primeiro capítulo com o título Tony Tcheka na literatura de guineense, onde se faz um breve apanhado geral sobre o percurso histórica dessa jovem literatura da Guiné-Bissau, o segundo momento entra mais no campo do social intitulado Exclusão social: povo e a sua identidade cultural representada nas obras. Essa segunda secção percorre sobre assuntos ligados a construção e o lugar do povo nas obras e traz um pouco do debate sobre identidade cultural, no terceiro momento desta dissertação, apresento um pouco de noção de espaço/*tchon*, a nação e a diáspora do ponto de vista do autor. No quarto e último capítulo aparece a entrevista com o autor das duas obras em estudo.

**Palavras-Chave:** Literatura Guineense; nação; diáspora; Tony Tcheka; Guiné-Bissau

## **Abstract**

The present work divided into four (04) chapters presents a brief analysis about the daily life of the people from Guinea-Bissau, through the literary works *Noites de Insôniana Terra Adormecida* (1996) and *Guiné Sabura que Dói* (2008) of the writer Antonio Soares Lopes Junior whose pseudonym is Tony Tcheka. Entitled LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY TCHEKA: *Noites de Insônia na Terra Adormecida* and *Guiné Sabura Que Dói*. During the course of the dissertation, the first chapter is entitled Tony Tcheka in Guinean literature, in which a brief overview about the historical course of this young literature from Guinea-Bissau is made, and the second moment enters more into the social field entitled Exclusão social: povo e a sua identidade cultural representadas nas obras. This second section covers issues related to the construction and the place of the people in the literary works and brings a little of the debate about cultural identity. In the third part of this dissertation, I present a little notion of space/*tchon*, the nation and the diaspora from the author's point of view. In the fourth and last chapter there is the interview with the author of both literary works under study.

**Keywords:** Guinean literature; nation; diaspora; Tony Tcheka; Guinea-Bissau

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	7
1. TONY TCHEKA NA LITERATURA DE GUINEENSE.....	10
1.1 TONY TCHEKA E AS SUAS NOITES INSONES .....	18
1.2 PORTUGUÊS, GUINEENSE/ <i>KRIOL</i> E OUTRAS LÍNGUAS EM NOITES DE INSÔNIA NA TERRA ADORMECIDA .....	26
2. EXCLUSÃO SOCIAL: POVO E A SUA IDENTIDADE CULTURAL NAS OBRAS.....	33
2.1 CONSTRUÇÃO E LUGAR DO POVO NA OBRA .....	35
2.2 IDENTIDADES CULTURAIS EM NOITES DE INSÔNIA NA TERRA ADORMECIDA E GUINÉ SABURA QUE DÓI .....	47
3. NAÇÃO, ESPAÇO/ <i>TCHON</i> E DIÁSPORA .....	56
3.1 CONSTRUÇÕES DE ESPAÇO/ <i>TCHON</i> NAS OBRAS.....	58
3.2 DIÁSPORA .....	64
4. ENTREVISTA COM TONY TCHEKA.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS: .....	96

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A jornada acadêmica é um processo conturbado e para mim foi muito desafiante chegar até aqui. No ano de dois mil e treze (2013), fui selecionado para compor grupo de estudantes estrangeiro da jovem Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na Licenciatura em Letras Língua-Portuguesa no estado de Ceará. A partir desta data começou um novo ciclo na minha vida. Vim de um país pequeno e pobre (na concepção ocidental), cujo sistema educacional é muito frágil, mas mesmo assim encarei o desafio de ter cursado ensino superior num país diferente, de povo diferente da minha e da cultura diferente.

Após cinco (05) anos de graduação e com o fim do curso tive que voltar para meu país, pois não tinha mais como se manter por aqui, já que a minha bolsa estava encerrada. Nesse meio termo dei entrada ao processo seletivo para estrangeiro no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no qual fui selecionado. O processo não foi fácil, visto que no momento da minha seleção me encontrava na Guiné-Bissau e resolver as papeladas com representação consular na embaixada do Brasil na Guiné não é uma tarefa fácil, como é de conhecimento de muitos, um africano preto de baixa renda ter conseguido uma vaga numa da mais importante universidade Brasileira, aumenta a dificuldade para conseguir a documentação e posteriormente sair do país, pois nós pobres “não fomos feitos para pesquisa”. Nessa brincadeira do consulado perdi praticamente o primeiro semestre do curso. Chegar a Salvador uma cidade nova que nunca tinha pisado e sem dinheiro para manter, foi algo desesperador. Tentei uma bolsa sem sucesso, pois não tinha como comprovar a minha vulnerabilidade econômica o que é bem difícil para um estrangeiro, sendo que as papeladas solicitadas para o efeito eu não tinha como conseguir, afinal sou um estrangeiro e o sistema não sabia ou não queria saber por falta ou por má vontade, nisso passei um ano até que um dia recebi uma ligação do órgão competente da universidade para entregar algumas documentações, pois fui incluído numa bolsa de sistema de reserva de COTAS, só assim para conseguir.

Nessa caminhada de pesquisa Tony Tcheka sempre me acompanhou, pois desde graduação a que venho tentar entender a escrita desse poeta e não foi fácil ou não está a ser. Com a minha aventura na pesquisa, em dois mil e desaseis (2016) no bienal do livro de Fortaleza conheci em pessoa esse grande escritor, pois antes tinha só contato com algumas obras dele e tive oportunidade de dissipar muitas dúvidas e lembro-me das



palavras encorajadoras que ele proferiu na altura e a alegria estampando na cara por saber que tem mais um jovem Guineense com interesse em pesquisar a literatura do país. Na Guiné-Bissau hoje em dia, existe vários escritores e escritoras dos mais diversos gêneros literários “ocidentais”, (pois existem outros tipos de produção que não se encaixa nos ditos gêneros literários ocidentais) o que não se encontra muito são os críticos para essa mesma literatura, para realizar qualquer que seja pesquisa no campo literário é um tremendo desafio de conseguir as referencias bibliográfica para o tal efeito.

Nessa pesquisa a literatura da Guiné-Bissau é representada pelas obras de Tony Tcheka *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996) e uma parte do livro *Guiné Sabura Que Dói* (2008), nesse segundo livro que aparece como uma parte, não teve um aprofundamento, pois a maioria de poemas que se encontram nela é a reedição de poemas que já aparecem no primeiro livro, por tanto coloquei como base para reforçar a bibliografia. Essa dissertação foi composta por quatro (04) capítulos em que cada um traz um pouco de discussões e provocação em cima da obra, assuntos variados sobre a literatura e um pouco da cultura de Guiné-Bissau, são componentes que compõem essa produção, tentei fazer um apanhado geral sobre a literatura guineense e ao mesmo tempo apresentar esse país nos seus mais diversos vertentes, sabendo que ao falar da literatura é muito difícil não trazer um componente histórico para marcar de onde vem essa escrita e para onde está sendo direcionado. Uma vez um professor da UFBA me questionou “porquê que maioria da produção dos africanos começam com a chegada dos colonizadores?”, desde essa data comecei a pensar nesta fala, e vi que de fato nas muitas obras que já tive contato esse fato é recorrente, sempre marcamos a nossa história com a chegada dos invasores portugueses ou seja lá o país que seja acabamos por repetir o mesmo “erro”, daí vem essa pergunta sempre e até hoje essa quebra-cabeça vem me acompanhado durante toda essa produção, decide deixar marcado aqui para que no futuro sirva de um caminho norteador para nossas produções.

A primeira parte dessa dissertação traz uma rápida contextualização sobre a Literatura e um pouco sobre a história e cultura dos povos da Guiné-Bissau, dando ênfase a questão social no todos seus diversos vertentes, começando a falar do país, um pouco da sua religiosidade e crença, as suas línguas, a organização dos grupos “étnicos” que prefiro chamar de grupos sociais. Já na segunda parte o texto debruça sobre a exclusão social, onde os componentes como o povo e a construção da sua identidade

cultural são elementos abordados dentro desta produção. No terceiro momento, o foco é trazer um pouco de muitos assuntos como a identidade, a diáspora, a língua Guineense (o crioulo), pensar a nação e construção do espaço/lugar/*tchon* na obra em estudo, a ancestralidade e o cotidiano popular do povo Guineense nas suas mais diversas formas. Cada capítulo é aberto com epígrafe que são trechos de musicas de diferentes cantores da Guiné e também algumas musicas de Orquestra Super *Mama djombo*, parece até estranho começar a escrita dos capítulos de uma dissertação ligada à poesia com trechos da musica, só que no mundo literário esses dois gêneros andam juntos inclusive nessa de Tcheka em estudo, vários poemas foram eternizados na musica, temos exemplo do poema “Povo adormecido” que foi gravado pelo cantor Guineense Zé Manel e entre outros nomes da musica de Guiné que também deram vozes as escritas de Tony Tcheka e de vários outros poetas Guineenses. No quarto e último momento do texto, apresento uma entrevista feita com o próprio autor das obras Tony Tcheka, uma entrevista que ajudou muito a elucidar a minha mente sobre a visão do poeta e que serve também para escritor mostrar o seu ponto de vista com a relação daquilo que as pessoas pensam sobre as obras.

## 1. TONY TCHEKA NA LITERATURA DE GUINEENSE

[...]

*Kau bida sukuru  
pabia sol ka mansi  
strada bida medunhu  
riba tras ka tem*

*djitu ka tem sunhus ba pa mar  
fercthan kaneka di iagu  
pa n'frianta nha pitu*

*suma pedi bisilon  
sim ku no na firma  
pabia sim ki luta...*

PE DI BISILON<sup>1</sup>

A Guiné-Bissau é um dos cinco países ocupados pelos portugueses na África onde a literatura escrita, conforme a tradição literária canônica reconhece, passou a desenvolver-se posteriormente aos demais, desde antes e depois da independência (1973), essa jovem literatura escrita é menos conhecida e menos divulgada. A literatura escrita guineense encontra-se em fase de crescimento e, com isto, vem mostrando a sua potência com as publicações de vários autores e com as temáticas ligadas a sociedade guineense, desenvolvidas em vários gêneros literários locais.

Na perspectiva de conhecer e aprofundar sobre a literatura guineense analiso “LITERATURA GUINEENSE E AS CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE TONY TCHEKA: *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói*”, tendo

---

<sup>1</sup>*Pe di Bisilon*, música de Aliu Barri na língua Crioulo/guineense.

*Kau bida sukuru*/lugar escureceu/*pabia sol ka mansi*/porque não amanheceu/*strada bida medunhu*/estrada tornou-se perigosa/*riba tras ka tem*/não tem como voltar/*djituka tem sunhus ba pa mar*/não tem jeito, os sonhos foram para mar/*fercthan kaneka di iagu*/me dê um copo de água/*pa n'frianta nha pitu*/para esfriar o meu peito/ / *suma pe di bisilon*/como uma árvore (*Bisilon*)/ *sim ku no na firma*/assim que vamos erguer/*pabia sim ki luta*/ porque é assim que a luta...

(tradução minha)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ez0N2T2dvFO>

como base de estudo as duas obras. O cotidiano guineense vem sendo tema de algumas publicações literárias em forma de poemas, contos e romances. Segundo Joaquim Eduardo Bessa da Costa Leite (2014), foi publicado no ano de mil e novecentos (1900), o que é considerado primeiro livro de contos e parábolas da Guiné, o livro intitulado *Litteratura dos negros. Contos, cantigas e parábolas (1900)* de Marcelino Marques de Barros, nos anos depois surgiram os trabalhos de Vasco Cabral (1946 a 1950) e sem esquecer-se das poesias de Amílcar Cabral datada de 1946. Durante a década de 1970 e que continuou até os dias atuais, surgiram várias publicações em forma de antologias como *Poilão*<sup>2</sup>, *Caderno de Poesias (1973)*, *Mantinhas para Quem Luta! A Nova Poesia da Guiné-Bissau (1977)*, *Momentos Primeiros da Construção. Antologia dos Jovens Poetas (1978)*, *Os Continuadores da Revolução e a Recordação do Passado Recente (1979)*, *Antologia Poética da Guiné-Bissau (1990)*, *Antologia Poética da Guiné-Bissau (1992)*, com essas publicações em forma de antologias, as produções individuais acompanharam essa evolução com as obras de Francisco Conduto de Pina *Garandessa di no Tchon (1978)*, Vasco Cabral *A Luta é a Minha Primavera (1981)*, Helder Proença *Não Posso Adiar a Palavra (1982)*, Domingas Barbosa Mendes Samy *A Escola (1993)*, vale destacar que a obra literária de Dominga Samy, marcou a presença feminina com a publicação de um livro de contos, seguindo com as publicações, surge o Abdulai Silá com o primeiro romance escrito na Guiné-Bissau, *Eterna Paixão (1994)*, e um ano depois com *A Última Tragédia (1995)*, já no ano seguinte Tony Tcheka lança o seu primeiro livro intitulado *Noites de Insônia na Terra Adormecida (1996)*.

Esses momentos que vem marcando os “primeiros” momentos da literatura guineense. É muito complicado periodizar essas escritas como salienta Hildo Honório Couto e Filomena Embaló:

Um primeiro problema a ser enfrentado por quem queira apresentar um conspecto da literatura guineense é o da periodização. Dada sua incipiência, é difícil dividi-la em períodos em termos temáticos, o que parece ser comum a toda literatura de países colonizados a partir do século XVI pelas potências europeias, mesmo para as que já têm mais tradição e mais pujança, como disse Antônio Soares Amora sobre a periodização da literatura brasileira. Ele salientou que para essas jovens literaturas, a perspectiva histórica é mais importante do que

---

<sup>2</sup>Toda descrição destas publicações foram consultadas na tese de doutorado de Joaquim Eduardo Bessa da Costa Leite que consta nas referências.

para as europeias, por exemplo. Isso porque não há por assim dizer uma identidade literária guineense propriamente dita. (COUTO; EMBALO, 2010, p. 62).

Como destaca Hildo Honório Couto e Filomena Embalo, torna-se difícil periodizar a literatura guineense e de maioria dos países colonizados pelas potências europeias, o que dificulta a inserção identitária dessa literatura. Os jovens escritores que marcaram esta época, dentre os quais se destacam Tony Tcheka, Agnelo Regala, Huco Monteiro, Domingas Samy, Helder Proença e entre outros que são poucos conhecidos no mundo literário dito “lusófono” que abre uma série de questionamentos sobre o termo, o que Luís Kandjimbo chama atenção de várias controversas que existem no seio do termo Lusofonia:

Várias e controversas são as opiniões existentes em Angola sobre a «lusofonia». Algumas delas rejeitam o sentido redutor, glotofágico e exclusivista do termo, pois associam-no ao espaço e à comunidade dos povos e países cuja a língua oficial adoptada pelos estados é português.(KANDJIMBO, 2012, p. 245).

Indo mais longe, Luís Kandjimbo faz dois questionamentos, questões essas que estão relacionadas diretamente com Angola, mas que faço uso aqui para relacionar com a situação linguística da Guiné-Bissau, onde ele pergunta o seguinte: “será prudente avaliar a comunidade apenas pela parte?” E, continua “Em que medida é que a relação metonímica que se estabelece entre a língua portuguesa e a cultura angolana podem ser capazes de revelar o todo da realidade cultural e linguística da Angola?”. Concordando com o trecho e pergunta de Kandjimbo para trazer essas mesmas realidades para outros países “lusófonos”, no caso da Guiné-Bissau e Moçambique, essas perguntas têm um grande enquadramento, sendo que a realidade linguística não é distante com a da Angola. A língua portuguesa<sup>3</sup> com o status de oficialidade só é falada por apenas 27,1% da população e vem à língua guineense, ou/o *Kriol* que é falado por 90,4% da

---

<sup>3</sup>Características socioculturais, **TERCEIRO RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO E HABITAÇÃO** - Instituto Nacional de Estatística e Censoda Guiné-Bissau, 2009

população, tornando-se a segunda língua apenas por não ser oficial e num terceiro momento aparecem as línguas dos diferentes grupos sociais (convencionalmente por muitos chamados de étnicos) com 93,2%. Com esses dados fica complicado afirmar que a Guiné-Bissau é um país lusófono pois ao assumir esse título para o país, colocam-se todas as outras línguas num lugar de desmerecimento.

No contexto dos países africanos da língua oficial portuguesa a literatura guineense tem um déficit grande em termos da sua circulação, as divulgações e publicações desses autores em relação aos outros países africanos com língua oficial portuguesa, são muito restritas ou poucas como assinala Hildo Couto e Filomena Embaló:

Ouve-se falar muito mais em Angola, Moçambique e Cabo Verde do que em Guiné-Bissau. Intelectuais e escritores como José Craveirinha, Mia Couto, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Baltazar Lopes e Germano Almeida são frequentemente lembrados no Brasil. No entanto, muito pouca gente já ouviu falar em Tony Tcheka, Abdulai Sila, Pascoal D'Artagnan Aurigemma, Carlos Lopes e Odete Semedo (COUTO; EMBALO, 2010, p. 15).

Apesar de pouca visibilidade, isso não impede que os autores guineense continuem a escrever com uma forte ligação as culturas orais, visto que, a oralidade é um marco muito importante nesta literatura e que anda junto com tradições e cultura do povo guineense e da África, como diz Hampaté Bá, “É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere, palavras que vem sendo transformadas em grandes produções escritas que hoje se veiculam como principais realizações literárias do país,

Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. As crônicas das guerras modernas servem para mostrar que, como se diz, (na África), cada partido ou nação “enxerga o meio-dia da porta de sua casa” - através do prisma das paixões, da mentalidade particular, dos interesses ou, ainda, da avidez em justificar um ponto

de vista. Além disso, os próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas - fenômeno que originou, entre outras, as controvérsias sobre as "Sagradas Escrituras". O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (BÁ, 1977, p. 1-2).

Com essas afirmações do grande *griot*, percebe-se a necessidade de preservar a cultura oral é tão importante, sendo que é uma marca bem forte nas culturas africanas, marcas e ensinamentos essas que é passado de geração em geração com ensinamentos dos grandes mestres. No caso da Guiné-Bissau esses ensinamentos são passados por grandes *djidius*<sup>4</sup>, pessoas que são responsáveis a ensinar as estórias aos mais novos. Vale lembrar que os *djidius* vieram de uma longa linhagem familiar e patriarcal, os seus conhecimentos são passados dentro de uma tradição que é herdada por laços de sangue, qualquer pessoa não pode receber esses ensinamentos. Tais ensinamentos passados para os mais jovens refletiram e refletem até os dias atuais. Os saberes, a gnose, a cultura locais e se apresentam nas práticas diárias. Nos textos escritos ao longo dos séculos, especialmente na literatura produzida desde primeiros momentos, como nos poemas de Tony Tcheka que vem demonstrando uma forte ligação com as marcas de oralidade, essas marcas que aparecem inúmeros poemas do escritor guineense. No poema intitulado "Hino do Dia Novo" o autor trás algumas evidências de marcas de oralidade quando aparece num dos versos;

[...] façamos um hino ao dia novo com rimas e *maramar!!!*

sorriso que matou/ a barriga grande de fome

e fez o menino sentir-se menino

[...]

---

<sup>4</sup>*Djidiu* em língua Guineense: nome dado aos sábios, conhecidos também como *griots* e contadores de histórias orais, que tem o dever de ensinar/passar os conhecimentos da tradição oral aos mais jovens. (tradução minha)

Companheira minha, *ah!*

*ah* boniteza vem a mim [...]

(TCHEKA, 1996, p.101-102)

Tcheka apresenta essa forte ligação entre a escrita e a oralidade nos seus textos, continua num outro poema com essas mesmas [quais?! E tenho dúvidas se são de fato as “mesmas”!] características de oralidade, quando ele fala no poema “Mininu di Kriason”; *Djondjon – mininu di kriason// Aí vai ele.*

Na obra de Tony Tcheka *Noite de Insônia na Terra Adormecida*, percebe-se muito a insistência do autor em destacar o *tchon*, no sentido de terra/lugar a que ele pertence, essas são uma das peculiaridades e desafios na obra em estudo que está escrita em mais de uma língua, nesse caso a língua guineense *Kriol* (Crioulo) da Guiné-Bissau, o Português e as línguas de diferentes grupos sócias ou étnicos, que no decorrer da leitura podem ser percebidas. Vale destacar que nos textos produzidos na Guiné-Bissau, sempre aparece esta dinâmica de em duas ou mais línguas.

De acordo com a revisão de literatura feita até o momento, é muito escasso encontrar trabalhos acadêmicos sobre as obras desse autor, e muito pouco da literatura guineense, o que indica a relevância da presente pesquisa, porque, diante da escassez dos materiais para a realização desta dissertação, estarei a contribuir com análise crítica, procurando – portanto – reforçar uma fortuna crítica incipiente sobre tais obras e esta literatura, uma vez que até o momento encontrei apenas resenhas, notas e uma dissertação publicada sobre o autor.

O que a poesia de Tony Tcheka revela sobre o cotidiano popular guineense? Em várias leituras da obra, pude perceber que a poesia de Tony Tcheka procura recriar os espaços e fincar a noção de identidade cultural desse povo, para firmar perspectivas do cotidiano popular guineense e perceber que a construção do espaço/*tchon* do cotidiano e a voz dos excluídos da população guineense após a independência (1973), vêm sempre marcadas com expressões indenitárias e com a presença forte do nacional, composto ora por elementos da natureza ora pelo percurso histórico da Guiné-Bissau. Nesse contexto, o que chamo de excluídos dentro da obra, são aquelas vozes do povo, das quais o autor se apropria para fazer chegar o clamor do povo que se sente numa zona de desconforto e



não sabe como fazer com que as suas reivindicações sejam escutadas, como Tony Tcheka chama atenção e afirma na entrevista concedida para essa pesquisa:

Gostaria de chamar a atenção para o papel social que a literatura vem assumindo no panorama cultural e na construção dos valores e predicados que alicerçam a cidadania. São segmentos que contribuem na criação de uma opinião pública ativa que tarda em ser realidade. Não são só as leis e os textos políticos, ideológicos e convenções que concorrem para o exercício pleno da cidadania. A literatura no seu todo desvenda caminhos e pode ser um despertador assumindo a sua função social, sem ter se ser panfletária. A uma certa altura do nosso processo criativo que escrevemos muito panfleto, se quisermos uma escrita guerrilheira, dentro de um certo contexto. Depois temos de crescer. Daí falar da função social, algo polémico, sei-o bem, mas ela concorre para esse despertar fruto do entrosamento entre a realidade de ontem e de hoje e a sua abordagem de uma forma ficcionada...mas tudo muito próximo das pessoas. Acabam por ser retratos de uma vivência. Como ignorar as tendências políticas que vêm cavalgando pelo mundo todo. Muita demagogia, muito nacionalismo estreito e caduco, muito *fake-news*, feito verdade... Algum escritor pode ficar indiferente??? Passar ao lado, ou fazer como a avestruz que perante o perigo, esconde a cara num buraco??? (TCHEKA, 2020, p. 3-4)

Com essa chamada de atenção do poeta, ele alerta população sobre a necessidade de uma escrita e literária e, também não se esquivava do seu papel e dos demais escritores sobre usar essa ferramenta para o processo de desenvolvimento. No seu primeiro livro *Noites de Insônia na Terra Adormecida*, Tony Tcheka natural de Bissau, capital do país, hoje residido em Portugal, ele nos traz a crítica social e clama pela valorização da cultura local e o desenvolvimento socioeconômica, como ele considera que “*Noites de Insônia na Terra Adormecida é uma denúncia e um alerta para o presente e o futuro. Por tudo isso odeiam a cultura*” (TCHEKA, 2020), dessa forma que a voz popular fala muito alto nas suas escritas, debruço sobre o espaço/local/*tchon* que sempre aparece como o ponto central para a construção do enredo, e tentar desvendar que tipo de espaço é esse? Como é construído este *tchon*/espaço? De que *tchon*/espaço vem essa voz que o

autor nos apresenta? Levanto estas indagações visto que durante a obra inteira o autor deixa bem marcado o *tchon*/espaço/terra, todas essas e demais provocações, serão acompanhados com os poemas dos livros *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996) e *Guiné Sabura Que Dói* (2008).

As questões ligadas às produções bilíngues, com a presença forte da língua guineense *Kriol* (crioulo) que vem acompanhando a produção do autor, e não só de Tony Tcheka, mas de muitos outros escritores que apresentam essa mesma dinâmica de escrita que vem a cada dia afirmar a identidade literária dos escritores guineense e que também pode ser encontrada em outras produções africanas, visto que na Guiné-Bissau não existe só a língua portuguesa e o *Kriol*, sendo que essas duas convivem com mais de trinta (30) línguas pertencentes vários grupos sociais, visto que cada um dos grupos apresenta uma vasta tradição e cultura própria, como traz Joaquim Leite:

A partir desta visão de *etnia* e de *grupo étnico*, podemos assinalar duas características particulares: a posse de um código linguístico próprio, distinto da língua nacional oficial, o português, e um conjunto de práticas socioculturais específicas, com passados ancestrais comuns e estruturas materiais regidas por canais de parentes coabitados por cosmologias míticas. (LEITE, 2014, p. 9).

Com essas observações de Joaquim Bessa Leite e de outros autores que também falam desse mosaico cultural dividido em diferentes grupos sociais pode-se ver nas vivências e práticas culturais e identitárias que cada um apresenta, desde as suas organizações familiares, nas suas *Tabankas*<sup>5</sup>, ritos e costumes e as línguas, características que diferenciam cada grupo de outro. Esses e mais detalhes peculiares constituem essa nação de apenas 36.125km com uma população de 1.6 milhões de habitantes.

---

<sup>5</sup>*Tabanka* em crioulo guineense significa aldeia, em português.

## 1.1 TONY TCHEKA E AS SUAS NOITES INSONES

António Soares Lopes Júnior ou simplesmente Tony Tcheka, como gosta de ser chamado, natural de Bissau, onde nasceu a 21 de dezembro de 1951 e foi um dos fundadores da União Nacional de Artistas e Escritores da Guiné-Bissau em 1982, antes de passar a residir em Lisboa, Portugal, e é hoje considerado um nome de referência da literatura guineense com trabalhos em várias antologias, publicadas na Guiné-Bissau, Portugal, França, Brasil e Alemanha. Nas suas produções solo, lançou três grandes obras literárias, entre elas *Noites de Insônia na Terra Adormecida*, editada em Bissau, em 1996, *Guiné Sabura Que Dói* (2009), que foi lançada no Brasil em novembro de 2008, durante a Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas, e *Desesperança no chão do medo e dor*, lançado em Portugal e posteriormente em Bissau no ano de 2015. Além de essas obras, Tcheka publicou em 2015 pela editora Corubal-Bissau *Os Media na Guiné-Bissau*, que é um livro dedicado a sua área de formação o jornalismo.

Como jornalista, Tony Tcheka foi redator e mais tarde diretor da Rádio Nacional da Guiné-Bissau, chefe da redação e diretor do Jornal estatal *Nô Pintcha*<sup>6</sup> nesta função, criou *Bantabá*<sup>7</sup>, um suplemento cultural e literário. Como correspondente e analista, trabalhou com a BBC, Voz da América, Voz da Alemanha, e, em Portugal, com o Público, a antiga agência noticiosa (ANOP) e a Rádio Televisão Portuguesa para África. Nas suas obras literárias e jornalísticas, Tcheka apresenta uma preocupação com a nação que o viu nascer, sempre se podem notar, em todas as obras escritas por ele, à presença do social e especificamente o *tchon* da Guiné principalmente na obra *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996), que é a produção ora em estudo.

Ao lançar NITA<sup>8</sup> em 1996, anos depois da abertura democrática do país que se deu em 1994, deu início a uma longa produção literária que vem caracterizando a obra no seu todo, obra essa que está dividida em cinco partes, que são intituladas: “Kantu Kriol”, “Poemar”, “Sonhos caravela”, “Poesia brava” e “Canto menino”. Nesta divisão percebe-se que o autor fez uma escolha bem interessante na organização dos assuntos por cada bloco de poesias. No primeiro bloco, “Kantu Kriol”, Tony Tcheka apresenta um total de dez (10) poemas escritas todas em língua Guineense *Kriol*; no segundo momento ele traz “Poemar”, com treze (13) poemas que aparentemente está todo escrito

---

<sup>6</sup>A expressão significa seguir em frente na língua Guineense *kriol*.

<sup>7</sup>Lugar de convivência; um campo aberto.

<sup>8</sup>NITA: Noites de Insônia na Terra Adormecida

em português, sendo que, dentro dessa parte, pode se notar a presença não só da língua guineense, mas sim de outras línguas de diferentes grupos sociais que compõem o país; já nos terceiro, quarto e quinto blocos, o autor apresenta “Sonhos caravela” com nove (9) poemas, “Poesia brava” com trinta e um (31) e “Canto Menino” com oito (8), e pode se notar uma mistura na produção, onde os textos aparecem em português e com a presença de outras línguas que compõem esse mosaico cultural e identitária do país, como explica Moema Parente Augel:

Praticamente todas as obras literárias publicadas na Guiné-Bissau de 1993 para cá incluem textos, ou pelo menos expressões em crioulo, numa atitude consciente por parte de autores de assinalar a sua presença, a sua *guineidade*. Pode-se dizer que, no campo da literatura, se está diante de um primeiro elenco de identificação, de tomada de posição, de definição mesmo. O fato é que os textos em crioulo não são tão raros como muitas vezes se afirma ou pode parecer à primeira vista. O problema é que eles simplesmente quase nunca são mencionados e o silenciamento vale como uma ausência. (AUGEL, 1998, p.15)

Esse processo de escrita em duas ou mais línguas está bem marcado não só nessa obra, mas em todas as produções literárias de Tcheka. Dá para perceber que autor tenta sempre utilizar essa dinâmica bilíngue nas suas obras que também está marcada com uma forte presença de oralidade. Pela leitura de poemas mostram-se claramente a sua preocupação e resistência pela sua identidade que ele nunca abriu a mão e nunca deixou de trazer nas suas escritas. Pode-se notar nos textos uma diversidade tão grande que vem desde frases de amor até o clamor por uma sociedade mais justa e inclusiva, nos versos de poemas que compõem essas obras. Tcheka ainda aborda essas questões em toda camada social, começando a falar em *kriol* o *kantu* que traz várias temáticas cotidianas, disponibilizando assim de certo modo a sua voz e a mão aos mais necessitados ou simplesmente a excluídos.

No decorrer da obra, percebe-se que independentemente da organização dos capítulos ou secções por temáticas ou pela língua, ele abre todas as secções com uma epígrafe que compõem trecho de diferentes poemas que compõem o livro. Ao começar a leitura a primeira coisa que chama muita atenção é o título do livro, *Noites de Insônia*

na *Terra Adormecida*, que, como diz a Moema Parente Augel, “revela um escritor com maturidade literária, deixando transparecer tanto preocupação pela forma e pela linguagem como grande criatividade e inesperada ousadia na expressão poética”, ao mesmo tempo em que sugere da parte de Tcheka uma proposta de leitura bem crítica e irônica a respeito da Guiné-Bissau no presente, a causar “insônia” que também convida o receptor para uma leitura atenta.

No que diz respeito à organização do livro, o autor intitulou a primeira parte de *Kantu Kriol*, que em português significa “musica em crioulo” e definiu para epígrafe a frase, também em crioulo, *I dia nobu di padida ku na bim*, que corresponde na língua portuguesa “é o dia novo da mãe que virá. Tcheka faz a junção de diferentes assuntos num só único bloco de poemas, quando ele apresenta “Balur di Kebur” (Importância da colheita) no início do primeiro grupo de poemas, que nos chama atenção para a importância da colheita para o povo guineense que pela à primeira leitura pode parecer uma coisa simples, [mas é fundamental para a vida humana e as sociedades africanas em geral e especialmente para a guineense. Perguntava o porquê de Tcheka escolher, entre tantos outros textos, um texto que de pronto parece bem simples para iniciar uma obra tão grande significativa do ponto de vista cultural e artístico como NITA, o seu primeiro livro de poesia? Ao voltar a ler o texto percebe que apesar de parecer tão simples o poema introdutório tem um significado muito importante, sendo que o maior meio de sustento alimentar do povo guineense vem das colheitas, principalmente de produção de arroz.

Como fala Moema Parente Augel no prefácio “Um Dia Novo a Iluminar as Noites Insones do Autor” (1996), dia esse que o autor esperava durante vinte anos até que consegue publicar a sua obra pioneira, quando ele fala no poema:

Pa<sup>9</sup>

Kebur

Bin

ten

---

<sup>9</sup>*Pa kebur bim tem/para que haja colheita/ pa sinsibiba ka gasidja/ para que se eu soubesse não hospeda*

## Pa sin sinsibiba ka gasidja

(TCHEKA, 1996)

O autor já vem anunciando a sua satisfação de puder publicar ou então falar antes que seja tarde, ele manifesta a vontade de falar antes que seja tarde *Pasinsibiba ka gasidja*, esse é o desejo

Neste mesmo grupo de poemas Tcheka apresenta um total dez (10) poemas, desse conjunto, o poema introdutório “balurdikebur” aparece falando da conquista, já os poemas *Flurdi mi* (Minha Flor), *Fugudi ñ korson*(Fogo do meu coração) e *Kerensa*(Namoro), falam especificamente de amor, já os últimos cinco deste bloco falam de desilusão, *Durdi mame* (Dor de mãe), *TchurdiMpinté*(Velório de Mpinté), *Nta i ke* (O que aconteceu), *Noba di prasa* (Noticias do centro da cidade) e *TchikuTen-Ten*<sup>10</sup>. No segundo bloco de poemas intitulado “Poemar” com treze (13) poemas, ele continua com a dinâmica de mistura de assuntos ou temas ligados ao amor e desilusão. No bloco “Sonhos-caravela”, com nove poemas Tcheka começa a apresentar a realidade imigratória voltada ao seu país, já na “Poesia Brava”, que é composta por trinta e um poemas, Tcheka entra numa fase mais profunda ou profícua da sua escrita, vários assuntos pode ser encontrado como a desilusão, o sofrimento do poeta começam aparecer de uma forma mais clara traduzidas em texto e também nesse bloco de poemas, percebe-se a grande ligação do poeta com o nacional e a sua preocupação com África.

Nos poemas como *Povo adormecido*, *Canto à Guiné*, *Terra tísica* e *Ode pindjiguiti*, percebe-se a preocupação do poeta com o nacional, em outras palavras, com o *Tchon*, a sua terra, o seu país. A partir dos mais diversificados assuntos, ele nunca deixa de lado a sua Guiné e para fechar o livro ele apresenta o como o quinto bloco “Canto Menino” com oito (8) poemas, que apresenta a realidade da infância num país considerado de terceiro mundo, e a preocupação do autor em trazer essa realidade demonstra o compromisso e o sonho que ele tem para com as crianças da sua pátria.

---

<sup>10</sup> Vale salientar que em vários momentos deste trabalho vão aparecer frases em língua guineense *kriol* que não têm uma tradução literal ou que simplesmente não têm tradução para português, como o caso de *TchikoTen-Ten*.  
(tradução minha)

Após esse breve resumo sobre a obra, percebe-se a necessidade de destacar a questão da dinâmica da escrita de Tcheka, na medida em que ele faz junção de diversos assuntos num só grupo, e o mais importante nele são essas marcas de oralidade, de uma escrita em várias línguas ao mesmo tempo, como pode se ver em NITA. O processo de bilinguismo aparece bem marcado na escrita de Tcheka que enfatiza essa marca de identidade linguística e também uma forma de marcar o seu território de origem e a resistência de submissão plena à língua dos invasores, os antigos colonizadores, que impuseram o português e a escrita a então colônia, por mais que o poeta resida na ex-metrópole. A poeta guineense Odete Costa Semedo, num dos seus poemas já questiona essa presença da língua estrangeira que é imposta na Guiné-Bissau com título de oficialidade hegemônica e ela pergunta “Em que língua escrever” (1996. p. 10-13). Semedo já sentia essa preocupação de como escrever em uma língua que o povo e até pessoas letradas, como supostamente ela, mal entendem, como vai falar os segredos que foram passados pelos mais velhos aos mais novos? E ainda pergunta se na língua dos colonizadores? Tcheka segue nessa mesma preocupação já dando um avanço muito significativo ao enfrentar o desafio de escrever em línguas diferentes que compõem a sociedade guineense, no poema *Povo adormecido* e em vários outros se percebe essa dinâmica de escrita em duas línguas. Em alguns versos do poema *Povo adormecido* percebe-se essa dinâmica como aparece nos versos, em que prevalece o português, talvez pela necessidade de comunicação junto ao receptor, entremeado de termos em línguas tradicionais, sobretudo o crioulo:

Há chuvas  
que o meu povo não canta  
há chuvas  
que o meu povo não ri

Perdeu a alma  
na parede alta do *macaréu*

Fala calado  
e canta magoado

Vinga-se no tambor  
na palma e no caju  
mas o ritmo não sai

Dobra-se sob o *sikó*  
como o guerreiro vergado  
cala o sofrimento no peito

O meu povo  
chora no canto  
canta no choro  
e fala na garganta do *bombolon*

Grei silêncio  
quebrado  
nas gargalhadas de *Kussilntra*  
em quedas de água  
moldando pedras  
esfriando corpos  
esculpidos  
no corpo do *bissilão*

Bissau, 1993

(TCHEKA, 1996, p. 71)

Essa forma de escrita aparece em vários poemas da obra e não só em *Noites de Insônia na Terra Adormecida* ou na *Guiné Sabura que Dói*, mas sim, nas outras obras do autor e de vários escritores guineense que é um procedimento estético como ressalta Moema Parente Augel:

A simbolização é um procedimento estético complexo e multiforme que possibilita afirmar – dentro do espaço da língua do colonizador –



as especificidades das línguas africanas, no caso, guineenses, e instaurar suas idiossincrasias e sua singularidade dentro do amplo espaço estabelecido pela língua comum, amálgama ou pelo menos traço de união entre falantes de diferentes origens culturais. Uma das formas dessa afirmação, espelho de autoestima e de recusa da colonização interna, é a experiência estética e ideológica do escritor ou escritora que, no universo verbal dessa língua segunda, tanto reterritorializa realidades socioculturais de seu meio de origem quanto transcreve simbolicamente sua mundividência. (AUGEL, 2007, p. 39)

No seu processo de construção da escrita, Tcheka sempre deixa bem marcado a sua identidade cultural linguística, e essa posição pode ser comprovada nas suas produções literárias, o que torna a sua escrita muito interessante. Nessa mesma onda a produção escrita convive lado a lado com uma experiência que vem da oralidade que é muito frequente nos textos desse autor, como também assinala Amarino Oliveira de Queiroz:

[...] no contexto literário da Guiné-Bissau, lado a lado com a produção escrita em português e língua guineense assinada por autores como Odete Semedo, Waldir Araújo ou Tony Tcheka, convive todo um legado de extração oral que, em muitos casos, foi e é determinante para a produção da literatura contemporânea do país, perfilando-se desde as *dibiñas* infantis até os versos em desafio, chamados cantigas de dito ou de mandjuandadi, passando pelas obras dos poetas trovadores, cronistas militantes e *performers* conhecidos como djidius, até a relação poesia/música de artista como José Carlos Schwarz, Armando Salvaterra, Justino Delgado, Dulce Neves, Nino Galissa, Zé Manel, Eneida Marta e Manecas Costa, ou os poetas *rappers* da contemporaneidade, como é o caso de Marinho de Pina, também ficcionista, culminando com passadas e provérbios. (QUEIROZ, 2012, p. 371)

As produções de Tony Tcheka não se distanciam desta lógica de tudo junto e misturado. Como pode se ver no texto de Amarino Queiroz, a oralidade se faz presente em todos os momentos da produção do autor, bem como nas *dibiñas* (adivinhas), que

acompanham essa produção, como no gosto por provérbios, uma das maiores marcas das culturas orais africanas, e ainda na musicalidade cultivada nos versos. Por esse lado, seus poemas ganharam espaços não só em forma de texto escrito, mas sim, na música, como o caso do poema *Povo Adormecido* musicalizado pelo grande intérprete guineense Zé Manel e *Chamo-me Menino* interpretado por Manecas Costa, poemas essas que compõem NITA, pois dentro dos textos escritos do autor aparecem essas marcas de oralidade e a forte ligação com as cantigas de *mandjuandadi* (grupo de pessoas da mesma faixa etária), ou seja, as *passadas e stórias* que revelam esse forte marco cultural e identitário da literatura guineense. Segundo Odete Costa Semedo, é importante realçar essas características que fazem com que essa literatura seja muito rica:

[...] deve-se realçar que, na Guiné-Bissau, a oralidade ocupa um lugar muito importante; o cantar é onipresente, pois acompanha o cantar – a narrativa, o riso e o pranto, a alegria e a dor. O nascimento, a iniciação, o casamento, a morte, os mortos e os ancestrais proporcionam momentos de exaltação coletiva e são motivos para se entoarem as mais diversas canções. Por isso, diante da reduzida fonte escrita sobre as tradições guineenses, julga-se que, mais do que lamentar essa falta, é preciso tomar iniciativas que possam inverter a situação, abrindo caminhos para estudos e pesquisas sobre esse volumoso e rico patrimônio cultural. (SEMEDO, M. O. C., 2010, p.26)

A Odete Costa Semedo traz uma preocupação muito interessante, quando ela fala da importância de abrir caminhos e tomar iniciativas para esse volumoso e rico patrimônio cultural que a Guiné-Bissau apresenta, e convida-nos a pensar nos processos da criação, principalmente na área da crítica literária que ainda é muito escasso as produções nesse sentido. Muitos pesquisadores se interessam por esse campo de estudo, porém falta muito, pois, ao produzir um texto ligado à literatura guineense, os obstáculos são grandes, devido não só a pouca produção científica, embora isso dificulte e também contribua para o não conhecimento da literatura escrita produzida nesse país.

## 1.2 PORTUGUÊS, GUINEENSE/*KRIOL* E OUTRAS LÍNGUAS EM NOITES DE INSÔNIA NA TERRA ADORMECIDA

Quando o assunto é literatura guineense, não se estranha ao ler um texto em português e de repente aparecer no meio uma frase escrita em outras línguas, essa dinâmica de escrita em português e o guineense/*kriol* em uma das línguas que compõem o mosaico cultural da Guiné-Bissau, não aparece só em *Noites de Insônia Terra Adormecida*, pode ser visto em várias outras publicações dos escritores guineense e no caso de Tcheka em específico, nas suas obras é comum perceber esta dinâmica com muita facilidade. No livro em estudo que é constituído por um grosso de setenta e um poemas, desse número cerca de dezesseis poemas apresentam a dinâmica de escrita em mais de uma língua.

No conjunto de poemas que compõem a obra, só a primeira parte “Kantu Kriol” não apresenta poemas na versão bilíngue, isto é, está escrita especificamente na língua guineense. Já no “Poemar”, quatro poemas estão escritos em mais de uma língua, como o poema intitulado *Despedida*, por exemplo, no qual num dos versos aparece: “num beijo-mantenha”, essas mesmas características podem ser encontradas em vários poemas desta primeira parte do livro, sendo que em diferentes momentos aparece só uma única palavra para concretizar a dinâmica bilíngüe, de forma que precisa ser uma leitura atenta às peculiaridades linguísticas locais, conhecedora da cultura guineense e suas diversidades, multiplicidade e complexidade para ter acesso a esses detalhes e perceber a construção e o significado. No “Sonho-Caravela” o próprio poema intitulado com o mesmo nome apresenta essa característica, quando se destaca num dos versos “Tudo gente de nação valente” “ajudando a construir” “a minha pátria-*tabanca*. Indo mais adiante pode-se encontrar na “Poesia Brava” mais poemas escritos em duas ou mais línguas, como quando aparece em o “Concerto de *Djunta Mon*”, logo no título. O poema “Povo Adormecido” é um dos poucos poemas em que aparece mais a mistura do português e o guineense num só texto, nos versos que podem se ler:

Vinga-se no *tambor*

[...]

Dobra-se sob o *sikó*  
[...]  
e fala na garganta do *bombolon*

Grei silêncio  
quebrado  
nas gargalhadas de *Kussilindra*

[...]  
no corpo do *bissilão*

(TCHEKA, 1996, p. 71)

Neste mesmo grupo de poemas, Tcheka apresenta um intitulado, *Ason* (1996, p.75), título em língua guineense para um texto escrito em português, e, mais adiante no corpo do texto podem ser encontrados alguns trechos como, “Ason/ontem em *Quintáfine*”, uma vez que o autor continua nessa dinâmica de escrita em vários momentos desse livro.

[...]

Na hora de *kunfentu*

no rufar do *macaréu*

*na kasabi*

libertas amor [...]

(TCHEKA, 2008, p. 11)

Ao avançar pelo livro, pode-se deparar com mais poemas nesse mesmo contexto, quando vemos poemas como “Mulher da Guiné”, “Morte do Menino”, “Era mulher”, “Rosa de canteiros perdidos”, “Concerto à Guiné”, “Valor do Kebur”, “Canto à

Guiné”, dentre outros, e percebemos bem claro a posição do autor quanto à língua. Nos trechos a seguir, alguns exemplos:

#### MULHER DA GUINÉ

[...]

mas

segues os acordes

do teu chão

dos *korás e bombolons*

dos *djembés* e dos *nhanheros*

- os teus caminhos [...]

(TCHEKA, 2008, p.13)

#### MORTE DO MENINO

[...]

para esquecer a esperança

que já não mora

na sua *tabanka*[...]

gente

que não fala

solta a bala

*alal-la !!!*

*ala elis-la!!!*

*ayó!!! ayó!!!*

*ai! kokoloko![...]*

(TCHEKA, 2008 p.14)

## ROSA DE CANTEIROS PERDIDOS

[...]

minha rosa sei que sonhas

mesmo que a dor fira a *Firkidja d'alma*

e moa o etéreo do teu ser

caminhando subirás às colinas do teu *Boé*.

(TCHEKA, 2008, p. 22)

[...]

Guiné és tu

camponês de *Bedanda* teimosamente

procurando a *bianda* na *bolanha*

que só encontra água na mágoa da tua lagrima [..]

(TCHEKA, 2008, p. 49)

Apesar da tentativa de trazer a forte presença da língua guineense *kriol* nos textos, mesmo assim, não é reconhecida que em algum momento foi considerada a língua dos não civilizados e a língua portuguesa considerada a dos “civilizados” ou das pessoas ditas mais esclarecidas que moram nos centros urbanos da capital Bissau, mesmo com a situação de tentar dar mais prestígio a essa língua no contexto urbano, ela ainda serve como elemento de ligação entre os diferentes grupos étnicos, e Tcheka e mais escritores guineense romperam com essa tradição, e fizeram dela uma ponte direta da ligação de todos os grupos, infelizmente não ganhou o título de oficialidade ainda. Como diz a Moema Parente Augel:

O grupo crioulo é, sem dúvida, o mais influente, o mais “moderno” e ocidentalizado, o mais assimilado aos hábitos introduzidos pelo poder colonial, e é entre eles que se vai encontrar a magra percentagem dos falantes do português. A sociedade crioula vive na capital ou nos centros urbanos, seus membros são geralmente cristãos, mais escolarizados, e sempre foram, política economicamente, os mais ligados ao setor estatal (AUGEL, 2007, p. 81).

Como provavelmente toda uma preocupação em manter essa língua ativa e viva nos seus poemas, ele enfatiza a língua que a cada dia sofre grandes mudanças nos seus vocábulos, isto é, o que os cidadãos de Bissau chamam de Crioulo *portuguesado*<sup>11</sup>, um fato que é normal em qualquer língua ocorrer às variações da mesma. Como antes referido, não é estranho encontrar trechos de escritas em língua guineense dentro de uma produção predominantemente em língua portuguesa, e essa mesma observação foi feita por Eliseu Ie, quando ele fala:

Não temos dúvidas de que a melhor forma para afirmação cultural de um povo é através da divulgação da sua própria cultura, através de da oralidade e da escrita, ou seja, através das propositais misturas linguísticas, vistas nos textos de grande parte dos escritores africanos de língua portuguesa. Por exemplo, na Guiné-Bissau, os que realizam, com muita propriedade, essa proposta são os autores mais divulgados

---

<sup>11</sup> Crioulo Portuguesado é um termo utilizado pelos cidadãos de Bissau para marcar a grande influência da língua portuguesa na língua guineense.

na diáspora. [...] São eles Abdulai Silá, Tony Tcheka, Odete Costa Semedo, Filinto de Barros e Rui Jorge Semedo. Em todos os livros publicados até o momento pelos autores referidos, observamos que procuram sempre fazer essas interferências linguísticas, contribuindo, assim para a divulgação da cultura do seu país, ao mesmo tempo em que aproxima o leitor da riqueza da língua crioula. (Ie, 2019, p. 17)

Essas afirmações vêm reforçar o que já vinha sido objeto de hipótese durante a pesquisa e se torna questão nuclear desta primeira parte deste trabalho: a ligação ou compromisso da literatura com a nação e com a(s) língua(s), mais precisamente da poesia de Tony Tcheka com o seu país de origem a partir da combinação das línguas ali mais faladas, com especial atenção pelo crioulo. Afinal, tanto Tcheka, Odete Semedo, Abdulai Silá assim como Rui Jorge Semedo, todos eles e demais que não foram citados aqui, lutam constantemente pela afirmação dessa língua, uma vez que a língua guineense/Kriol não tem um lugar reconhecido e de visibilidade assegurada no *mapa mundi* das línguas e dos respectivos países. Por mais que não possua uma estrutura gráfica unificada, e até mesmo nos três livros publicados pelo Tcheka nota-se uma grande diferença na grafia, isso não impediu muitos desses escritores a produzirem os seus textos nessa língua mais local e, até certo ponto, mais popular, ao menos parcialmente, ao colocá-la em mescla com a língua oficial prevalecente. Os textos poéticos de Tcheka em particular NITA, atestam esta postura e contribuem para a valorização do crioulo como língua de cultura e de literatura, como reforça Odete Costa Semedo:

O crioulo guineense vem se afirmando, a cada dia, como língua da expressão literária guineense, pois mesmo quando não se escreve nessa língua, os textos dos autores se mostram repletos de expressões em crioulo, de frases que, embora escritas na língua portuguesa, revelam a estrutura do crioulo. Os romances do guineense Abdulai Sila, os poemas de Felix Siga, Tony Tcheka, Ernesto Dabó, Respício Silva e Huco Monteiro são alguns exemplos entre vários. (SEMEDO, M. O. C., 2010, p. 87).



Assim como a Odete Semedo, a Moema Parente Augel também trás essas mesmas contribuições sobre essa forma de resistência traduzida em escrita poética. Os escritores acima referidos vêm travando essa luta constante de manter a língua guineense nos centros da atenção, visto que diante da forma como a língua guineense é banalizada pelo estado da Guiné-Bissau, eles nunca cruzaram os braços e deixaram a língua morrer, situação que é muito estranho num país em que até os órgãos de soberania utilizam essa língua para trabalho, mas nunca lhes interessou o fato de ser considerada apenas uma língua “segunda” por não possuir o título de oficialidade, mas que é muito embora seja usada pela maioria da população. Dentre os argumentos da sua importância nacional, é a Odete Semedo que continua a lembrar da importância do guineense para o grande herói nacional Amílcar Cabral no processo da mobilização para expulsão dos invasores portugueses na Guiné-Bissau a:

Pela particularidade linguística da Guiné-Bissau e pelas características do crioulo guineense, Amílcar Cabral, líder da revolução guineense-cabo-verdiana, que conduziu os onze anos de luta de libertação nacional, apelou ao crioulo como língua de unidade nacional, durante esse episódio da história recente da Guiné-Bissau. (SEMEDO, M. O. C., 2010, p. 87).

A língua guineense não só serviu ou continua a servir para nossa comunicação, mas sim, foi um elemento crucial para conquista da independência, Amílcar Cabral utilizou essa língua como da unidade nacional e continua a ser utilizado até hoje, só que de uma forma diferente, o guineense que outrora foi utilizado para mobilização para aderência à luta de libertação, hoje os poetas, os músicos, os *djidius*, que sempre estiveram no nesse processo de divulgação, ainda continuam a seguir com o projeto de Amílcar Cabral que era de união de povo guineense através do que se tem em comum que é a língua.

## 2. EXCLUSÃO SOCIAL: POVO E A SUA IDENTIDADE CULTURAL NAS OBRAS

[...]

*Ora di buska renansa*<sup>12</sup>

*Buta lembra di combatenti*

*Ku bu rasa*

*ma na ora di mamal*

*i so totis sua slencia*

[...]

*MUNTRUS NA KLARU*

Durante o processo da construção desse trabalho, começaram a surgir várias idéias do que é realmente interessante para abordar nesta dissertação, ao reler os livros de Tony Tcheka, pude perceber que dentre assuntos apresentados nas obras desse autor, não seria fácil debruçar de uma forma específica sobre um único assunto, sabendo que o autor trás várias provocações e temáticas diferentes. Nessa mesma ordem de dúvida e desespero do que selecionar para dar o foco da dissertação, comecei a pensar no âmbito social, econômico e político, visto que os textos de Tcheka dialogam muito com a sociedade guineense. Para pensar e viajar junto com Tcheka nesse mundo literário, decidi analisar a exclusão social, a construção e lugar do povo guineense dentro das obras.

Nas obras escolhidas, *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura que Dói*, percebe-se a necessidade e a importância de levar essa dissertação pelo caminho do social, onde o trás também uma forte ligação da sua escrita com as questões identitárias e a nação. Os dois livros apresentam um título muito provocador, pensando no contexto da sua escrita, dá para o leitor cair na leve cilada do escritor, sendo que ao

---

<sup>12</sup> Trecho de musica de orquestra Super Mama Djombo, intitulado *Muntrus na Klaru*, que significa *mentiroso às claras*.

Letra: Quando está a procura do poder, você lembra-se dos combatentes do seu grupo social, mas na hora de curtir a vitória só se vê a nuca de sua excelência.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ynU4-hYIPY&ab\\_channel=KUNTANGUGW](https://www.youtube.com/watch?v=ynU4-hYIPY&ab_channel=KUNTANGUGW)  
(tradução minha)

tentar ler o título de uma forma literal e depois de adentrar mais profundo na leitura das obras, começa a perceber que de fato, nem tudo o que títulos trás, são trazidas nos livros, Como diz o ditado na língua Guineense, “*i ka tudu kusa lampradu ki uru*”(nem tudo que brilha é ouro), pois, podemos ver os títulos dos livros e tentamos deduzir que o título já diz tudo, mas cuidado, nos três livros literários de Tcheka nomeadamente *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996), *Guiné Sabura Que Dói* (2008) e *Desesperança no Chão de Medo e da Dor* (2015), o título já vem com um impacto tão grande, por isso, ao se deparar com os três ao mesmo tempo dá para leitor ter uma leve impressão da linha de escrita do autor, ao juntar os três títulos numa só e pensar como seria *Guiné uma Terra adormecida onde a desesperança e medo dói*? Os três títulos juntos mostram a preocupação do autor em pensar um país de várias formas e que precisa de outra abordagem em termos da sua conjuntura social, econômica e política. Como diz Moema Parente Augel no prefácio de *Noites de Insônia na Terra Adormecida* “Um Tony Tcheka multifacetado, amante ardente, sonhador romântico, emocionado pela lembrança do pai, pela sorte das crianças e dos sofredores, denunciando as injustiças sociais e hipocrisia” (AUGEL, 1996). A fala de Moema vem resumindo o autor e a obra em alguns trechos que visivelmente pode ser encontrado na obra, a denuncia social, o amor, as crianças, a injustiça e hipocrisia, todos estão reunido de uma forma simples nas duas obras em análise. Ao trazer *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura Que Dói*, para analisar a vida cotidiana da sociedade guineense, revela uma ousadia tremenda, sabendo que os dois livros estão divididos com assuntos diversos. Tcheka trás não só as problemáticas sócias do país, mas assuntos como amor ganham destaque nas obras, indo um pouco além, percebe-se a presença de nação e identidade de uma forma bem confusa, que só com uma leitura atenta e minuciosa pode ser percebido, a cultura, a natureza, ou melhor, as paisagens também não foram deixadas de lado.

## 2.1 CONSTRUÇÃO E LUGAR DO POVO NA OBRA

*Tugas mbarka e bai*<sup>13</sup>

*Tugas di terra fika*

*e na soronda*

*imperialismu na rena! [...]*

Ao começar essa seção, lembrei da minha história de vida que também pode ser visto na cara de muitos jovens guineense, nascer num país quinze (15) anos depois da independência de um regime ditatorial do governo português que durou quase cinco (5) séculos, não é de estranhar o impacto e efeitos desse processo cruel de invasão à África e outras partes de globo terrestre. História da Guiné-Bissau ou Guiné antes da invasão, não começou com a presença dos portugueses, mas sim, um território que sediou como capital política uma das mais importantes Reinos da África, que é o de *Kaabú*, cuja capital era em *Kansalá* que atualmente faz parte da zona leste da Guiné-Bissau na região de Gabu. Como ressalta Carlos Lopes, “O Reino de *Kaabú* compreendida as terras dos países da Guiné-Bissau, Gambia e Cassamansa, ao sul do Senegal. E tinha o embrião do poder *Kansalá* (centro político), situado na atual Norte de Gabu, província leste da atual República da Guiné-Bissau” (LOPES, 1999). Com a queda do Império do Mali que antes o atual Guiné-Bissau fazia parte, surgiu o Reino de *Kaabú* que tornou muito importante na época.

Resolvi retomar um pouco da história, para marcar a importância e a necessidade de afirmar que antes da chegada dos portugueses, esse povo, essa civilização já tinham uma estrutura política e cultural bem organizada. Com a história construída por esse povo, a presença do colonizador tentou apagar essa cultura e identidade local que não teve sucesso, pois a população resistiu à dominação estrangeira durante séculos e séculos da ocupação. Durante todo esse processo, a colonização se deu por encerrada só no ano de mil novecentos e setenta e três (1973) com a proclamação da independência pelo Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC),

---

<sup>13</sup>*Tugas*: nome dado aos invasores portugueses durante processo de ocupação na Guiné.

Trecho de música de orquestra Super Mama Djombo.

Letra: *Tugas* (portugueses) foram embora e ficaram os *tugas* de país a crescerem e o imperialismo continua a reinar.  
(tradução minha)

independência essa que veio a ser reconhecida pelo Portugal só no ano de mil novecentos setenta e quatro (1974). Após a esse período de colonização até a independência (1973), a Guiné-Bissau seguiu andando rumo ao desenvolvimento com sequelas de um país recém independente, a construção de um estado de nação tornou um dos objetivos principais nesse momento, só que, país não conseguiu avançar muito em termos dos objetivos traçados para pós-independência, fato que culminou com vários golpes de estados e levantamentos políticos militar o que vem afetado o desenvolvimento do país em todos os aspetos possíveis. Já se passaram mais de quarenta e seis (46) anos depois da proclamação da independência, até agora as estruturas sócias para desenvolvimento encontram numa situação precária, desde estruturas de educação, saúde, saneamento básico e bem-estar, tudo se encontra numa situação de abandono ou não é prioridade de sucessivos governos que já foram constituídos.

As situações acima referidas são uma das evidencias que Tcheka traz nos livros *Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura que Dói*, as marcas de descontentamento são bem visíveis em varias poemas que compõe as duas obras, que os títulos por si já traz muitas informações. Logo depois da independência começaram a surgir vários escritores que pautaram a escrever com temáticas ligadas a desenvolvimento do país. A construção de um país que antes da independência não era grande coisa em termos das infra-estruturas e passou por uma luta arma de onze (11) anos, certamente que a maior preocupação no momento não só dos políticos, mas sim de toda população que cada um faz a sua parte na sua área de atuação, foi nesse contexto que os escritores entraram em ação ao começar a enaltecer os feitos de gloriosos combatentes da liberdade da pátria e ao mesmo tempo criticando a forma como o país recém independente está sendo conduzido. Os poemas apresentados pelo Tcheka nesses dois livros representam uma grande preocupação que o poeta tem com a terra que o viu nascer, evidencias claras da vida social dos guineenses são representado de uma forma clara nos versos do autor. Nos poemas em baixo mostra a título de exemplo algumas marcas de como o poeta vê e que considero importante para retratar o cotidiano guineense:

Sintidu sibi altu

Suma polon di bankule

npanta nka sibi i ke

[...]

Iagu seka

Blaña arnega

djudjus bagana

mon faladu i nega

[...]

Bo susega ñ fidjus

i sol ku na iardi

na iagudipindjigiti

nta i ke!!!

nta i ke!!!

[...]

(TCHEKA, 1996, p. 29)

Ampus

Dipus di kaida di serenu

Binta bin

Na bapur di noba

Kuma

sabi i li na prasa

kasabi i la na tabanka

[...]

Ma

Na mangason di bida di prasa

- di tchiga la

- sei di kamiñu

- ka tem tem pupa bo

- tarbadju keia

- diñeru nin pliu!

(TCHEKA, 1996, p. 21)

Tan-tan

tantaran

Undus

tantarn

I dam o i ka Dan

[...]

Sintinela disan ientra

fomi na peran na kasa

[...]

(TCHEKA, 1996, p. 26)

Nos três poemas exemplificados acima, o escritor tenta trazer um pouco da realidade social guineense, no poema intitulado *Nta i ke?* Percebe-se a frustração do poeta quando ele pergunta o que está acontecer? Pela realidade cotidiana do seu país, onde *iagu seka/ blanã arnega/ djudjus bagana/ mon faladu i nega//*. E no outro poema *Kanta di fomi*, os versos apresentam as mesmas preocupações que o poema acima referido trás, apresentado em ritmo de cantiga fazendo prece para um prato de sopa, suplicando à sentinela *kabesa di bu mame*. A fome e a dificuldade que a população está a enfrentar são espelhadas nitidamente nos versos desses poemas. Seguindo nessa mesma linha de indignação, chega ao exemplo de *Nobas di Prasa* que tenta trazer um pouco da vida social entre a zona rural e urbana, nesse caso o capital do país (Bissau) e o interior onde a vida é totalmente diferente da capital, Tcheka apresenta-nos a personagem Binta que pela suas andanças e aventuras entre o capital e a zona rural, *Tabanka* e *Prasa* como refere no poema, a experiência de transitar esse dois espaços não correspondeu com a expectativa, sabendo que *sabi i linaprasa/ kassabi i la na tabanka*, ao expor esse sentimento, o fato de deixar a *tabanka* para *prasa* não significa que na cidade vai encontrar as melhores soluções para os problemas cotidianos de onde veio. Experiências como da Binta é visto frequentemente na Guiné-Bissau, onde grandes números de jovens optam por deixar as suas *tabankas* à procura de uma vida melhor na grande capital, o resultado nem sempre é o esperado. Esse fenômeno de êxodo rural é muito comum na Guiné-Bissau tendo em conta a precariedade em que o país se encontra. Se no capital do país já não tem as mínimas condições para população, imagina as zonas rurais que até estradas que as ligam estão em péssimas condições, quanto a condições de vida humana e sem falar da tamanha desigualdade social que existe, essas e mais questões que podemos atrelar a falta do sono que Tcheka trás na sua escrita como comenta Odete Semedo:

As “noites mal dormidas” em muitos poemas de Tcheka podem ser elencadas na linha dos temas abordados pelo poeta, dentre os quais se incluem as causas sociais e estas podem ser detalhadas em: saudação à Pátria libertada e aos combatentes da liberdade; desassossego pelo sofrimento dos combatentes da liberdade da Pátria que não sentiram o ‘gosto’ da independência; insuficiência de cuidados básicos para as



crianças – educação e saúde; a mulher e a sua luta diária, desenvolvendo atividades geradoras de rendimento, para o sustento da família; a vida na zona rural, sem perspectiva de desenvolvimento para o camponês que continua praticando a agricultura de subsistência; o êxodo rural e suas consequências para aqueles que buscam a capital – a *praça* – como alternativa, a esperança por melhores dias. (SEMEDO, M. O. C., 2010, p. 264)

Situações essas detalhadas por Semedo são evidenciados diretamente nos poemas de Tcheka nas suas mais diversas poesias o social sempre vem como uma tônica, levantando e lamentando os problemas que dia-a-dia o país enfrenta desde a proclamação da independência e sem contar com sucessivos golpes de estado e uma guerra civil ocorrido em 1998, que levou país a uma instabilidade que perdura até os dias de hoje. Tcheka não reflete as suas escritas só à Guiné, ele vai além as fronteiras já que ele transita as outras terras ou até terras que só visitou no seu imaginário, isso pode ser visto nas suas composições trazendo como exemplo o poema “Concerto *de djuntamon*”:

## I

A dor encosta-se a mim  
abraça-me forte  
espalha-se pelo corpo  
em glândulas de fome

Enfermo declino o convite  
para grande festa da liberdade  
Estou no meu tempo  
no meu espaço  
na minha *tabanca*  
onde festa  
é choro  
é doença

é criança morrendo  
dia a dia  
hora a hora!

## II

Não vou a *Berlim*  
ver o muro em pedaços  
Viajo sim no olhar desesperado  
do menino moçambicano  
nicando a raiz seca  
que deixou de crescer  
para morrer na boca pequena  
Na *África-tabanca*  
morre-se  
aos  
pedaços  
e  
pedaços que não são saudades  
da minha herdade  
deixo-os fluir ao vento

## III

Mas se amanhã levantarem o cerco  
que nos tolhe o sol  
prometo  
levarei os nossos *cikós*  
os nossos *tambores*  
os nossos *djidius*  
e  
com os vossos pianos *esaxs*

dançaremos na voz de *Sinatra Pavaroti*

Nina Simone e *Milles Davies*

no cume da estatua da liberdade

[...]

Bissau, 1992

(TCHEKA, 1996, p. 69-70)

Esse poema tão GRANDE não só no seu tamanho, mas sim, na mensagem por ela passada, fiz questão de trazer o máximo possível do trecho para demonstrar ou ilustrar aquilo que já vinha tentando explicar. Em grande estilo o autor faz uma salada dos problemas sócias que a sua terra-*tabanka* apresenta e indo mais longe de uma forma bem dinâmica percorrendo o mundo deixando a sua crítica, como diz a Odete Semedo “o poeta sai do seu espaço, viaja pelo continente africano, de solidariedade nas mãos. Passa pela Europa e América, junta tambores, *sikós* com pianos e saxs, põe a dançar *djidius*, Sinatra, Pavaroti, Nina Simone e Milles Davies. E aí se desnudam os traços da modernidade explorados na diversidade dos temas tratados pelo poeta” (SEMEDO, M. O. C., 2010, p. 265), nesta passagem o poeta apresenta os problemas sócias que sua terra-*tabanka* apresenta e indo mais longe para África que ele também trata como *tabanka* que está regado de muitos problemas sociais, mas ele não perde esperança ao dizer que, */Mas se amanhã levantarem o cerco/ que nos tolhe o sol/ prometo/ levarei os nossos sikós/ os nossos tambores/ os nossos djidiu/e/com os vossos pianos e saxs/ dançaremos na voz de Sinatra Pavaroti/ Nina Simone e Milles Davies/ no cume da estatua da liberdade/*, como reforça Theodor Adorno que “o excesso de sofrimento real não permite esquecimento” (1991, p. 64), sofrimento esse que o povo vem carregando antes do processo da independência até os dias de hoje.

Durante o processo para independência da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral desde início das mobilizações para o processo da luta de libertação de Guiné e Cabo-Verde, chamava atenção das pequenas burguesias que se constituíam na antiga Guiné-portuguesa e no arquipélago para “interpretar fielmente as aspirações das massas em cada fase da luta e de se identificar com elas cada vez mais” (2008, p. 199). Nessa passagem, Cabral já temia o que pode vir a acontecer pós-independência, o que não deixou de concretizar e esse tal burguesia que ele temia, conseguiu consolidar nos dias

atuais da Guiné-Bissau, não podemos dizer hoje que é por falta de visão de Amílcar onde ele insiste em dizer que:

[...] para desempenhar cabalmente o papel que lhe cabe na luta de libertação nacional, a pequena burguesia revolucionária deve ser capaz de suicidar-se como classe, para ressuscitar na condição de trabalhador revolucionário, inteiramente identificado com as aspirações mais profundas do povo a que pertence. (CABRAL, 1977, p. 200)

Esses eram umas das preocupações de Amílcar Cabral, preocupações que foi herdado pelo Tony Tcheka em forma de escrita em vários poemas apresentados tanto em *Noites de Insônia na Terra Adormecida como em Guiné Sabura que Dói*.

Sinto os meus pés cansados  
as gretas cospem sangue

as unhas encravadas na pele dura  
desistiram de crescer Estão calcinadas

O meu coração bate cada vez mais  
ao ritmo do tantã Não resiste à novidade

A sorte é que já nada é novo

O bolor cresce consome tudo

Só fica o discurso

Nu

Sem acento tônico!

Sinto os meus pés cansados

e tanto

Tanto  
Por caminhar...

O meu peito está quente e lateja  
já nem o escarro aguenta  
só guarda o sentimento  
que entranhou bem fundo  
ocupa as fendas em carne viva abertas pelo desespero  
O meu cérebro perdeu o tino  
o meu espírito é um ermo  
habitado por recordações...

[...]

É que não só eu  
há mais somos mais

A bolanha adiou o parto  
divorciou-se da enxada  
na presença do Homem  
que testemunhou o acto  
O verde que habitava os campos saiu correndo  
Hoje... Mora a légua da vontade sonogada  
A barriga da criança minguada  
para se vingar da fome  
aliou-se a cabeça grande  
inchou  
inchou  
parece um balão  
flutuando no corpo menino  
É o cansaço  
a fome  
é uma dor aguda que atormenta a alma  
e asfixia a garganta

A voz perde-se no vazio da palavra

Sinto os meus pés cansados  
e tanto  
tanto  
por caminhar.

(TCHEKA, 1996, p. 72-74)

Nesta mesma linha, o poema “Desespero” traz a preocupação de sempre, quando o autor começa a apresentar o cansaço, onde o eu lírico é direcionado para o próprio escritor que de tanto desespero ele apresenta o cansaço, apesar de tanto lamentação ele não desistiu como afirma Érica Bispo:

Desde o título, nota-se o tom menor na escrita. No poema distópico intitulado “Melodia do Desespero”, não se canta o desespero, mas o cansaço. O eu lírico se queixa de ter os “pés cansados” e ainda ter pela frente “tanto/ tanto/ por caminhar”. Desde a primeira estrofe, lemos a descrição de um corpo – metonimizado nos pés (na primeira estrofe), no coração (na segunda estrofe), no peito e no cérebro (na quinta estrofe) – desgastado da jornada. Os pés têm “unhas encravadas na pele dura” que “desistiram de crescer”; o coração “não resiste”; o peito não consegue nem mais aguentar o escarro; e o cérebro “perdeu o tino”. (BISPO. 2018, p. 198)

As mesmas preocupações que Cabral apresenta muito antes de luta de libertação, Tcheka retoma e ainda continua a ter essa desesperança como ele mesmo deu o título do seu último livro *Desesperança no Chão do Medo e da Dor* (2015), essa perda de esperança do autor vem muito tempo depois da escrita do poema “Melodia de Desespero” que foi escrita no ano de 1979, o que deixa um marco temporal muito grande de cerca de trinta e seis (36) anos de diferença entre a produção do poema e a

publicação da última obra. Uma curiosidade que não pode ser deixado de lado há trinta e seis anos Tcheka já apresentava as mesmas preocupações que até hoje ele continua com os mesmos problemas, será que o Amílcar Cabral não conseguiu ser um bom professor? Ou será que as pessoas simplesmente ignoraram os seus ensinamentos logo após a independência que ele não viu acontecer? Numa das suas célebres frases ele falava “programa mínimo é expulsar os *Tugas* das nossas terras e o programa maior é a construção de uma nação livre e justa para todos os filhos de Guiné e Cabo-Verde”, apesar dessa preocupação foi uma das palavras de ordem que Amílcar repetia várias vezes, mesmo assim, depois da conquista da independência esses valores e ensinamentos foram perdidos ao longo de caminho, um país com quarenta e seis (46) anos de independência que continua ainda a tirar sono do seu povo e adiar o seu futuro a cada dia que passa. Os ideais de Amílcar Cabral foram a deixado de lado logo após a conquista da independência como afirma Érica Bispo:

Entretanto, à proclamação da independência e aos primeiros anos de governo nacional, seguiram-se descontentamentos, restrição à emissão de opinião, casos de corrupção, inversões de valores, reprodução dos modelos coloniais etc. Em síntese, os governos que se sucederam se afastaram progressivamente dos ideais pregados por Amílcar Cabral, pais do nacionalismo guineense, em especial, negaram a tese do suicídio da burguesia nacional. (BISPO. 2018, p. 198)

A negação das teses defendida por Amílcar Cabral mergulhou o país numa crise política e social que vem atormentando o povo Bissau-guineense até os dias de hoje. Os poetas, os músicos, os *djidius*, as *mandjuandadis*<sup>14</sup>, já escreveram, cantaram e apelaram de todas as formas para um processo profundo de reconciliação e o desenvolvimento do país que há quarenta e seis (46) anos o povo aguarda com muita expectativa.

---

<sup>14</sup>*Mandjuandadi* grupo de mulheres que organizam para as suas atividades domésticas e aproveitam esse espaço para composição das musicas que hoje em dia tornou um patrimônio cultural da Guiné-Bissau.

## **2.2 IDENTIDADES CULTURAIS EM NOITES DE INSÔNIA NA TERRA ADORMECIDA E GUINÉ SABURA QUE DÓI**

Percebe-se que a questão da identidade é muito complexo falar sem correr risco de cometer grandes equívocos, e o mesmo tempo ocorre quando se trata da cultura. Durante essa produção uma das coisas que ficaram bem visíveis nessas duas obras em análise, é a presença forte de um marco identitária e cultural que ao longo das escritas de Tony Tcheka vem deixando um rastro enorme. Na Guiné-Bissau debates sobre questões das identidades e culturas, ainda é muito nova, ou seja, as produções acadêmicas ligadas a estas áreas são poucas, mas, mesmo assim, esses assuntos não deixaram de ser abordados nos mais diversos gêneros literários locais. Vários escritores em alguns momentos nos seus textos apresentaram essas marcas e as mesmas aconteceram nos textos de Tcheka, principalmente nas duas obras em estudo.

Falar de identidade e cultura na Guiné-Bissau não é uma tarefa fácil, como já tinha sinalizado em algum momento desse texto, que esse pequeno país de apenas 36.125 km<sup>2</sup>, na costa ocidental africana conta com mais de trinta (30) grupos sociais (étnicos), ou seja, a diversidade em todos os fatores é um mecanismo forte para ter um grande debate sobre essas identidades e culturas. Para ajudar nesse debate de idéias, consulto os grandes nomes que discutem essa matéria como Kwame Anthony Appiah e Stuart Hall. Para Stuart Hall (2011), a identidade é uma questão que está sempre na discussão na “teoria social”, já Appiah (1997), por sua vez, defende que na tentativa de construir uma identidade digamos africana levou a minimizar-se a grande diversidade cultural do continente africano.

Segundo Stuart Hall (2011), as identidades culturais surgem através do nosso “pertencimento” do grupo no qual pertencemos, neste caso, a culturas étnicas, linguísticas, religiosos, raciais, e acima de tudo nacional. Com isso os dois autores acima mencionados afirmam que os indivíduos constroem suas identidades, ou seja, as identidades nacionais, não são coisas nas quais nós nascemos, mas sim elas são formadas e transformadas no interior da representação. Percebe-se que as mudanças ou transformações na compreensão do autor estão também modificando nossas identidades pessoais, e isso abala a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados, isso se verificam constantemente no dia-a-dia dos guineenses. Nos textos de Tcheka não existe de forma clara a apresentação ou um texto que pode nos dar uma visão clara das marcas



que podemos utilizar como exemplos claros para questão da identidade, mas sim, em termos culturais em muitos momentos ele faz questão de deixar umas marcas como nos poemas a seguir:

Sonegada a palavra

o tempo amarga

o diálogo azeda

- pontão de Caió desespera

despontam punhos de seda

que abafam o manto sagrado do *Mané* e

Tagmé

Trazem ases na manga

E biscam com outros parceiros

- *abolanha* está em quarto minguante

e nós

descemos

na

vazante!

Bissau, 1987

(TCHEKA, 1996, p. 90)

Ninguém perguntou a ninguém

quem era

nem de onde vinha

sabíamos todos

para onde íamos

ninguém perguntou nada a ninguém

ninguém comia da sobra da ninguém

todos comíamos do mesmo prato de fome

ninguém pegou da cor em haste

e fez bandeira

- Bandeira

foi lençol de amor

desta paixão-terra

que um dia foi epopeia

ninguém untou azeite de palma

para avermelhar a cor

ninguém coloriu a dor

ela estava ali  
estampada  
crua no rosto de cada um

só havia um matiz  
de tons gemidos  
clamando por liberdade

Bissau, 1991  
(TCHEKA, 1996, p. 97)

Como a folha de *manfafa*  
Ceifada no verde do seu sentir  
senti  
que a cor pode ser dor  
e magoar  
na cor & dor

Bissau, 1987  
(TCHEKA, 1996, p. 98)

[...]

vou subir com a noite

devassa

explodir em cada minuto

da hora que passa

e viver a lucidez

da minha loucura

sem o arco-íris da imaginação

não quero o amargo da dor

porque traz mágoas

em fatias ráticas

com lascas de ódio

e eu assumindo-me

todo em mim

recusei a força da cor

distinguindo homens

diferenciando gentes

ó cor vaidosa

és mentirosa

e vou ordenar

que o vermelho

o preto  
o branco  
mais  
a cor do burro quando foge  
só sirvam  
sem magoar  
na tela imaginária  
do poeta  
todo ele  
trepadeira sem fronteira

Bissau, 1985

(TCHEKA, 1996, p. 99-100)

Nestes quatros (04) poemas acima referenciados indicam a preocupação de autor com a crise identitária, ou seja, a identidade em crise como Stuart Hall chama, percebe-se que durante os dois livros de Tcheka, o autor não preocupou muito em falar da real composição identitária do país, mas sim, se limitou em falar mais de questões da cor da pele e racismo. Algumas perguntas que não querem calar: será que essa não citação em nenhum dos poemas do autor e nos seus livros das nossas bases identitária, ou seja, os grupos sociais (étnicos) têm haver com a idéia defendida por Amílcar Cabral durante a mobilização para a luta da independência “somos todos guineense e aqui não existe *Balanta, Mandjaku, Pepel* ou *Fula*<sup>15</sup>, somos um povo”? Ou simplesmente Tcheka decidiu apagar ou ignorar a base da construção identitária do povo guineense? É só

---

<sup>15</sup> *Balanta, Mandjaku, Pepel* ou *Fula*: nomes de diferentes grupos sociais (étnico) compõem o mosaico cultural e identitário da Guiné-Bissau.

algumas dúvidas e também uma estranheza por ele em nenhum momento ter citado a base da construção da dessa nação, como diz Stuart Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 2011, p. 13).

Com base nesta citação, percebe que a identidade que muitas vezes construímos como plenamente unificada, completa, segura e coerente, para Stuart Hall isso não passa de uma simples fantasia, O mesmo acontece nas produções literárias de T.T quando ele não assume em algum momento uma identidade própria o que é evidenciado nos seus livros, sendo que ele apresenta as suas preocupações nos seus escritos a partir de outro lugar que não é Guiné-Bissau. Podemos partir da premissa de Appiah onde ele traz um exemplo da África que diz que não havia algo que pudesse ser chamado de “identidade africana”, tal identidade era, no final do século XX, ainda uma coisa nova e produto de uma história recente. (APPIAH, 1997, p. 243).

Toda identidade humana é construída e histórica; todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, e a religião de “heresia”, e a ciência de “magia”. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vem juntos com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente. (APPIAH, 1997, p. 243).

Appiah acredita que essas concepções de identidade africana associada à noção de “raça”, à “metafísica africana” ou ao “egipcianismo” são formas de conceber a identidade que não só denotam inferioridades como contribuem para inferiorizar os africanos. No caso da Guiné-Bissau, a concepção de “raça” não constituiu um debate na qual se discuti o conceito próprio, sendo que o maior problema de associar os termos

ocidentais a cultura africana acaba por trazer algumas traduções contraditórias (do português para o Guineense/kriol neste caso) dos sentidos das palavras, que às vezes não tem nada haver uma com outra, e, é o que acontece com o sentido da palavra “raça” que é associada diretamente ao grupo social (étnico). Fazendo com o que debate na G.B não é raça, mas sim, o grupo social (étnico), que por sua vez apresenta um grande leque de complexidade devido a sua própria constituição e as formas como cada um se organiza. Com isso, essas complexidades vêm desde a retomada ou começo de construção de uma nova era na Guiné-Bissau, isto é, pós-independência que marca uma nova era na “construção” da identidade, ou seja, a retomada e o processo de forjar uma nova, sendo que esse processo foi interrompido com a invasão dos portugueses, como diz Ianes Augusto Cá:

Percebe-se que a complexidade da identidade guineense faz parte do processo da formação da nação, o que deveria gerar uma nova forma de reflexão sobre a condição do pós-independência. Os significados atribuídos a identidade guineense na atualidade são complexos devido às novas formas de relações sociais estabelecidas no campo social e político. (CÁ, I. A, 2020, p. 100-101)

Corroborando a idéia do Ianes, com essas complexidades hora citada, não é estranho afirmar que o processo da colonização interrompeu uma longa caminhada de construção de uma nação que já se organizava do seu jeito e de acordo com as suas crenças e ideologias. Hoje em dia a noção de identidade na Guiné é muito complicada se posicionar, sabendo que, existe uma dificuldade em se afirmar uma identidade pós a colonização, ou seja, nas palavras de Ianes Cá citando Stuart Hall:

Segundo Stuart Hall, o termo “pós-colonial” pode ser compreendido como um “culturalismo”, o qual a preocupação da literatura com relação aos temas de identidade e sua implicação no mundo contemporâneo. Com isso reconhece que a identidade pós-colonial, enquanto resultado de heterogêneo de contato, de vestígios de um passado imaginado comum a todos e orienta para consciência de uma história em comum, já que esta idéia está contida “nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com

seu passado e imagens que dela são construídas”. (CÁ, I. A, apud Hall, 2020, p. 101)

Nessa perspectiva, as duas contribuições buscam trazer à tona as construções de um imaginário identitário para a Guiné-Bissau, sabendo que a construção de uma nação é fruto do imaginário e que a identidade pode aparecer nas suas múltiplas concepções, o que leva o Tcheka a participar dessa construção por via das suas escritas literárias que em alguns momentos pode não parecer visivelmente nos seus textos como antes questionado, Mas as suas contribuições ajudam muito a pensar nos modelos da construção das diferentes manifestações identitárias que existem na Guiné-Bissau.



### 3. NAÇÃO, ESPAÇO/TCHON E DIÁSPORA

Ao longo dessa produção tanto nas leituras como no processo da escrita, um nome vem se destacando o tempo todo, nome em questão é a Guiné-Bissau país do autor dos livros em análise e país de muitos outros bons *fidjus di Guiné*<sup>16</sup>. A Guiné-Bissau como já destacada várias vezes nesse texto é um “pequeno” país da costa ocidental africana, invadida pelos Portugueses (vale sempre lembrar), onde nasceu os nomes como Tony Tcheka, Abdulai Silá, Odete Semedo e entre vários outros nomes que todos os dias lutam para afirmação da literatura desse país.

Neste terceiro momento desse trabalho, o foco principal é tentar trazer sob o meu olhar e olhar do escritor a configuração de Guiné-Bissau e outro elemento muito importante dentro das obras que é a diáspora. Nesse sentido, o objetivo é trazer a Guiné-Bissau não só como nome de um país, mas sim como um espaço, como *tchon*<sup>17</sup> de convivência de muitas culturas e povos. A necessidade de pensar o espaço/*tchon* como um lugar de encontro com a nossa ancestralidade e conexão com a natureza que é uma das principais elementos para construção e desenvolvimento cultural de qualquer que seja o povo africano como lembra Eduardo Oliveira:

Os ancestrais e a natureza estão para comunidade assim como o leito para as águas do rio. São seus “guias”, sua “visão”; sua sabedoria e direção. A comunidade, por sua vez, alimentará os ancestrais com iguarias da terra e da água. Ancestral é natureza divinizada! A “natureza é nutrida e alimentada pela própria natureza”. Na medida em que a comunidade fortalece o ancestral, fortalece a si mesma. (OLIVEIRA, 2021, p.267)

Ao pensar o *tchon* como lugar de ancestralidade, remete a memória do fortalecimento da comunidade que preze na conservação e manutenção desse espaço coletivo que os povos da Guiné, da África e da diáspora africana ainda tentam preservar,

---

<sup>16</sup>*Fidjus di Guiné* que significa em português: Filhos de Guiné

<sup>17</sup>*Tchon* que significa em português: Chão; espaço; terra (tradução minha)

pois viemos de uma cultura que os cultos aos ancestrais são muito potentes e como Eduardo Oliveira menciona que “Não há que se pensar território simplesmente como uma estrutura geográfica. Ele é também um construto social”. (2021, p.272), pois desse construto social que os povos tradicionais africanos usam para ensinar e passar os saberes tradicionais e ancestrais através do *tchon*, que não serve só como um espaço físico ou um lugar geograficamente marcado, mas sim, uma topografia da cultura africana como assinala Eduardo Oliveira:

Ancestralidade é uma categoria que está profundamente vinculada ao território africano. É uma categoria sapiencial que brota do solo e, telúrica que é se embebesse da seiva que corre na forma cultural africana: a terra. A universalidade é um outro modo de dizer território. Mas território, para ser o que é, precisa de rugosidades, relevos. O que faço aqui é uma topografia da cultura africana e cultura aqui é o território. (OLIVEIRA, 2021, p.271)

Pois não se pode pensar em ancestralidade, sem levar em conta o *tchon*/espaço/terra, sendo que para cultivar, reconhecer ou passar ensinamentos para gerações futuras precisamos dele e só com a preservação desse espaço que pode se manter toda uma tradição e cultos aos nossos antepassados.

Nos três livros de Tcheka nomeadamente *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996), *Guiné Sabura Que Dói* (2008) e *Desesperança no Chão do Medo e Dor* (2015), nessas três obras poéticas do autor e fazendo uma leitura básica dos títulos, percebe-se um casamento claro entre eles, sendo que Tcheka não se deu muito trabalho ou não mostrou muito aquele lado poético de obrigar ao leitor ir mais fundo para entender de fato o que vem nos livros. Nos três livros ora apresentados, tem um elemento em comum que os liga e que ao ler os livros isso já vem de cara que é o *tchon* a Guiné-Bissau, o espaço, e é só ler os títulos dos livros com atenção que essa marca de espaço está bem presente e bem representado.

### 3.1 CONSTRUÇÕES DE ESPAÇO/*TCHON* NAS OBRAS

Falar do espaço muitas vezes parece uma tarefa fácil o que na verdade não é. Eu particularmente sou muito emotivo quando se trata de Guiné o *tchon* que me viu nascer e muitos outros bons *fidjus di Guiné*. Tentei no máximo manter distância ou ficar fora desse texto, mas infelizmente quando se trata de uma forma específica de Guiné-Bissau não tenho como me afastar, mesmo indo contra as regras acadêmicas ocidentais.

Quando comecei essa aventura de pesquisa, Tony Tcheka vem logo de primeira e com passar do tempo as coisas começaram a ficar muito complicado, pois a dificuldade para encontrar estudos sobre as obras desse autor é muito grande, e ou da literatura Guineense no seu todo. Apesar das dificuldades encontradas ao longo do caminho nunca desisti e não tinha como desistir quando o assunto é Guiné-Bissau, sabendo que carecemos de pesquisadores e nós que temos essa oportunidade não temos como desperdiçá-los, por isso estamos aqui a tentar fazer ciência que nos foi negada durante séculos pelos invasores portugueses.

Nos dois livros em análise *Noites de Insônia na Terra Adormecida (1996)*, *Guiné Sabura Que Dói (2008)*, a Guiné-Bissau foi citada em mais de onze (11) poemas no seu todo e em quase todos os capítulos dos dois livros tem essa demarcação do espaço territorial e como em qualquer cultura africana a demarcação de espaço ou *tchon* tem um valor simbólico muito grande e a Guiné-Bissau não foge a essa regra. Em termos de delimitação fronteiriça é país bem pequeno, mas sua história é bem conhecida no processo das lutas contra colonialismo, aliás, invasão dos europeus a continente mãe. Nos poemas de Tcheka esse *tchon di Cabral*<sup>18</sup> aparece nos seus mais controversos momentos, ora ela é exaltada pelas suas ricas paisagens e ora é marcada com sol e suor do povo como pode ver em alguns poemas:

GUINÉ

De longe

entre as sete colinas

---

<sup>18</sup>*Tchon di Cabral* que significa em português: País do Amílcar Cabral (tradução minha)

vejo-te  
mulher-grande  
sofredora  
e meiga  
Imagino-te  
suave  
como quem diz amor  
balbuciando temor  
Sinto-te sombra minha  
protegendo as minhas ibéricas noites  
Esta ausência demorada  
faz-me ver Geba  
subindo sobre o Tejo  
Imagino-te  
mulher-mãe  
gente adulta  
renascendo como companheira do mundo novo  
Lisboa, 1973  
(TCHEKA, 1996, p. 59)

## CANTO À GUINÉ

Guiné

sou eu

até depois da esperança

Guine

és tu

camponês de *Bedanda* teimosamente

procurando a *biandana bolanha*

que só encontra água da tua

lágrima

Guiné

és tu

criança sem tempo de ser menino

Guiné

és tu

mulher-*bideira*

em filas de insónia

- noites di *kumpra pon*

(mafé di aos)

Guiné

é um grito

saído de mil ais

que se acolhe no calcanhar da

terra adormecida

Mas

Guiné somos todos mesmo depois da

esperança!

Bissau, 1995

(TCHEKA, 1996, p. 80)

Nos dois poemas acima exemplificados, percebe os dois momentos em que o autor fala de um mesmo país, mas nos contextos não muito diferente, sendo que no primeiro ele apresenta a saudade de uma Guiné que ele vê de longe, mas que nunca deixou de ser aquele país que ele conhece e no segundo momento a Guiné aparece como um espaço que ele nunca vai desistir de lutar para uma vida justa e harmoniosa que ele mesmo fala que *até depois da esperança* e a referindo como uma mulher-*grande* que na sociedade guineense tem um significado de grandeza não pelo tamanho, mas pela importância que as mais velhas têm nessa sociedade e sem hesitar chamou-a de mulher-*bideira* que também é muito importante, e todo povo desse país sabe do significado que as mulheres têm, desde o processo da luta de libertação até hoje elas são fonte de sustento de uma boa parcela da população. Nesses exemplos pode se ver, a representação da Guiné no seu mais diversa aspectos sem falar que Tony Tcheka não poupou esforço para apresentar esse país e as suas peculiaridades sendo elas na *sabi ku ka sabi*<sup>19</sup>.

O *tchon* da Guiné-Bissau foi um dos temas mais tratados nas duas obras no seu todo, em vários e vários poemas aparece palavra *Geba* que é nome de um dos rios mais importante do país, que da sua margem pratica muito a produção de arroz por ser um rio

---

<sup>19</sup>*sabiku ka sabi*: No bem e no mal ou no melhor e no pior  
(tradução minha)

que vem do interior do país e deságua em Bissau capital. Geba ou *Djiba* (na língua Guineense) é um nome ou *tchon* muito conhecida, sendo que não é nome só de um rio, mas também de uma *tabanka* que tem várias histórias e muitas pessoas mais velhas afirmam que os nativos de Geba falam o mais “puro” a língua guineense/kriol. Com a presença constante do nome Geba, Tcheka, nos vários poemas faz uma demarcação do espaço como anteriormente referida, nos poemas como *Nta I Ke* (1996, p. 29) em um verso aparece à palavra *Pindjiguiti*, que é o nome de principal porto marítimo do país, um lugar muito histórico e que traz muitas memórias do processo de colonização, não só aparece nesse poema, mas em vários outros momentos dos livros a exemplo do poema *Ilusão* (1996, p. 63) que nos seus versos pode ser lida nomes de *Bolama* e *Bissalanka* em alusão a primeira capital do país e a *tabanka* a redor de Bissau, ainda nesse contexto de lugar/espaço ou *tchon*, aparece em vários poemas como *Povo Adormecido* (1996, p. 71) que vai citar *Kussilntra*, *Ason* (1996, p. 75) que traz num dos seus versos a *tabanka de Quitáfine e Gabu-sahara*, *Canto à Guine* (1996, p. 80) destacando a *tabanka de Bedanda* e o lugar de cultivo de arroz a *Bolanha* e *Futa-djalon* que aparece no poema *Terra Tísica* (1996, p. 85), destacando vários espaços físico nos seu textos. Com tudo isso, da para entender a ligação do autor com os espaços que ele transita sem contar que além dos espaços ou lugares que ele menciona especificamente na Guiné, percebe-se também outros espaços que o autor menciona nos seus textos, espaços esses que hora aparece como ficcional quando ele convoca alguns nomes para juntar a sua reivindicação como Sinatra Pavaroti, Nina Simone e Milles Davies, e, ele nega que não vai a Berlim ver os muros em pedaços, mas sim, viajar no olhar desesperado do menino Moçambicano em *Concerto De “Djunta Mon”* (1996, p. 69), com muita intervenção sobre espaço físico ou melhor o *tchon*, é que Andrea Muraro observa como:

Podemos dizer, então, que a metáfora [...] é a substituição do sentido de uma palavra (chão) por outro significado segundo (como o *eu* assume o chão), quando entre o sentido básico (terra) e os acrescentados há uma relação de intersecção a analogia (as suas dimensões como identidade e nação literária). (MURARO, 2006, p.23)

O *tchon* tem um significado muito importante na vida dos africanos e não é por acaso que o poeta faz questão de marcar bem esse lugar que aparece nas suas mais variadas formas, começando por destacar cidades, aldeias e até espaços que marcaram ou que marcam a vida cotidiana dos guineenses como diz Rocludelo Nanque,

Os guineenses são um povo que ainda valoriza os seus antepassados ao ponto de morrer em memória deles. Ora, os antepassados não são artificiais e em nações novas como a Guiné-Bissau, ainda não é impossível verificar *in loco* se as terras pertenciam ou não aos “nossos avós”, e por isso que o patriotismo ou o nacionalismo é ainda mais aprofundado nos espíritos, o que diminui a artificialidade do Estado que a política trouxe porque todos os povos têm suas terras e sabem que os seus limites pertenciam ou foram marcados pelos seus antepassados. (NANQUE, 2016, p 33)

Essa constatação de Rocludelo Nanque traz uma contribuição muito importante no que diz respeito à construção, ou melhor, o sentido de pertença que felizmente o povo guineense ainda herda diretamente dos seus antepassados a terra o que é uma das melhores realizações que um povo possa ter como a sua herança cultural e histórica. Não é por acaso que insisto em marcar o espaço/terra/*tchon*, como um dos patrimônios mais importante que um guineense ou um africano possa ter, desse espaço vem um pouco de tudo para resistência e sobrevivência como se observa num trecho da dissertação do Rocludelo Nanque,

[...] na Guiné a lógica está sendo outra. Como sendo uma sociedade ainda tradicional, fenômenos como a família, a etnia, os costumes, a religião, e a terra ainda continuam muito valorados e fortes. (Isso é que ainda resiste ao globalismo na Guiné.) E é nesses elementos que a nação se assenta, é aqui que se encontra a matriarca do sentimento nacionalista que se manifesta na política: ou seja, só se entende o *nation-nessent* que a pertença à nação é uma extensão do sentimento de pertença à família, a tribo ou clã, a etnia, a tabanca ou vila. O hino nacional da Guiné-Bissau (sem dúvida palco de uma pobre poética)



expressa essa ideia neste verso inesquecível e fundamental: “esta é a terra dos nossos avós”. (NANQUE, 2016, p. 33)

Com essa contribuição e citação de um verso do hino nacional da Guiné-Bissau “esta é a terra dos nossos avós”, demonstra que não só Tony Tcheka que tem essa preocupação com terra, mas antes da escrita do primeiro livro o autor do hino já destacava esse sentido de pertença do *tchon* de Amílcar Cabral como é chamado carinhosamente pelo povo desse país.

### 3.2 DIÁSPORA

O conceito da diáspora é um tema bem recorrente quando se trata dos povos africanos que um dia foi invadido pelos europeus por séculos de exploração e escravização do continente na sua maioria. Com tudo isso, quando se fala da diáspora, a identidade cultural fala mais alto e daí lembro-me de um dos questionamentos de Stuart Hall no seu livro *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* “como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?” (p. 28), pois Esse questionamento faz todo sentido quando se lê num dos poemas de Tcheka, em que ele mesmo aparece confuso sobre o seu lugar de pertença e ele destaca no poema que; *já não/ caibo nessa concha/*, (Sonho Emigrante).

Este estar

assim

sem estar

faz mal-estar

já não

caibo nessa concha

deixem-me ser fonte

água

praia-mar...

partir e ter de voltar

rufar

como as ondas de Geba

vazar

para encher depois

quero estar

mas cabendo na minha concha!

Bissau, 1989

(TCHEKA, 1996, p, 60)

No texto acima, o autor apresenta um eu poético muito forte quando parece demonstrando uma inquietação sobre o seu lugar, entre cá e lá, e sem saber onde está e escreve: *este estar /assim /sem estar/ faz mal-estar* e no final do poema ele conclui que quer estar só que dessa vez cabendo na sua concha. De fato a reflexão trazida pelo autor nesse texto faz muito sentido quando se trata da situação migratória principalmente dos povos africanos, o fluxo migratório aumentou muito no mundo inteiro e quando se trata da Guiné-Bissau, esse fenômeno ganhou mais força nos finais de ano mil e novecentos e oitenta (1980) e no início de década de noventa (1990), não que ainda não tem pessoas com pretensão migratória, têm muitos, mas a situação de migração torna a cada dia mais difícil, sendo que o principal destino dos guineenses é Portugal e que para acessar esse país é uma burocracia enorme que motivam muitos a seguirem por caminhos nada convencionais, ou seja, clandestino, que pela ironia do destino é dessa mesma forma que os europeus chegaram a África, sem passaportes e sem serem convidados. Toda angústia e sofrimento que o povo africano passa durante a migração Tony Tcheka os

traz nos seus versos, ele sempre tenta espelhar um pouco da realidade da diáspora que é uma das saídas escolhidas para muitas pessoas como oportunidade de uma vida nova, só que viver na diáspora não é um fenômeno novo como escreve Cláudio Roberto Vieira Braga e Glaucia Renate Gonçalves;

[...] a diáspora, uma forma antiga de deslocamento humano que tem adquirido nova face no contexto do mundo globalizado. A diáspora está entre os percursos contemporâneos possíveis em meio a tantas possibilidades de abordagem do movimento, como o exílio, o êxodo e a imigração. A diáspora se tornou, indubitavelmente, uma das teorias mais proeminentes na pesquisa acadêmica em ciências humanas e sociais e os estudos literários não constituem uma exceção. (BRAGA; GONSALVES, 2014, p. 39)

Nas últimas duas décadas os estudos literários ganharam uma vasta produção no que tange a diáspora, são muitas produções e publicações sobre esse assunto e pesquisadores de mundo inteiro começam a dar atenção a esse fenômeno que já vem acontecendo desde tempo dos “nossos avós”. Na diáspora as identidades de diferentes povos marcam um enorme leque de multiculturalismo, já que é encontro de vários povos que se tornam um só quando se agrupam em terras que não é o local de nascimento, mas sim, o local que escolheu para viver e para construir uma nova identidade como povo caribenho segundo Stuart Hall;

Um povo não pode viver sem esperança. Mas surge um problema quando interpretamos tão literalmente as nossas metáforas. As questões de identidade cultural na diáspora não podem ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. . (HALL, 2003, p. 30)

É nessa mesma premissa que Tony Tcheka empresta a sua voz para afirmar e reafirmar a necessidade de preservar as identidades culturais seja elas construídos na terra natal ou na diáspora, porque o que importa segundo Tcheka é a afirmação dessa identidade e ele vem trazendo isso nos seus textos, como no poema *Esperança*;

Navegava

no sono

Solucei

e na nudez

do silêncio

sufoquei

o grito

- sonhava!

Sonho prometido

do lado de cá

da fronteira

Acordei

mas fiquei no sonho

Apenas queria

estar no regaço

da terra-mãe

ver o sol entrelaçado

na noite

e nas paredes

da madrugada

beijar a liberdade

Bissau, 1980

(TCHEKA, 1996, p. 64)

É nessa mesma esperança que o povo que vive na diáspora tem que continuar a construir e viver a cada dia que passa as diferentes realidades que só podem ser aproveitada no contexto diaspórico, onde é construída a identidade cultural cujo passado, o presente e o futuro possam conviver numa linha interrupta como assinala Stuart Hall:

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada da “tribo”, diáspora e a pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com o núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado, o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o da sua felicidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2003, p. 29)

Nesse breve citação de Hall, ele nos lembra de três fenômenos que na cultura africana tem um valor simbólico muito pesado, quando se trata de marcações temporais como o presente, passado e futuro, esses três é que guiam e auxiliam no processo de construção das marcas culturais e identitária dos povos africanos ou em especial guineense como dizem num dos ditos populares da Guiné-Bissau que “A vida é uma viagem que ninguém conhece o destino, por isso, orienta os teus passos para que o futuro seja aquilo que sempre sonhaste. Passado serve de remédio para o futuro e o presente é para alicerçar o futuro”. É esse sentimento e vontade de terra natal que move as escritas de Tony Tcheka como ele mesmo já refletiu em vários textos como diz Shaleen Kumar Singh no seu artigo *Literatura da diáspora: um testemunho de realismo(Diaspora literature: a testimony of realism)*;

Os autores da diáspora se envolvem em uma transmissão cultural que é trocada de maneira equitativa na maneira de traduzir um mapa da realidade para vários leitores. Além disso, eles são equipados com pacotes de memórias e articulam um amálgama de fios globais e nacionais que incorporam experiências reais e imaginárias. [...] Os escritos diaspóricos são, em certa medida, sobre o negócio de encontrar novos ângulos para entrar na realidade; a distância geográfica e cultural possibilita novas estruturas de sentimento. O hibridismo é subversivo. Resiste ao autoritarismo cultural e desafia as verdades oficiais. (SINGH, 2008, p.1).

Na verdade muitas vezes esse olhar de um escritor diaspórico não condiz com a própria realidade, sendo que ele na condição de sujeito diaspórico o seu ponto de vista e as demarcações dos fatos e momentos são todos imaginários como ocorre frequentemente no campo literário, ou seja, a partir de que espaço fala o poeta? Tantos poetas diaspóricos como os que permaneceram nos lugares de origem têm e sempre vão ter pontos de vistas diferentes e contraditórias e ela continua a ser uma máquina de questionamento, fabricação como diz Roclaudelo Nanque;

É que a diáspora é uma máquina de questionação, fabricação, reencontro, rebuscamento do ser, mas também mortificação, intimidação do estar. Viver no nosso chão é como um sono profundo e prolongado, a diáspora parece ser um acordar da consciência para o que somos e o que não somos. No confronto com a alteridade não só somos perguntados explicita ou implicitamente, verbal ou não verbalmente, quem somos, mas nós também nos inquiremos, no mais íntimo do ser, sobre a nossa verdadeira identidade. Buscamos-nos. E ainda que nos encontremos o que significa assentamento, enraizamento ou transculturação, não nos achamos de pleno. É uma jornada perturbadora, necessária, dolorosa. E logo percebe-se que a diáspora é acima de tudo um *lócus* da crise identitária pessoal, cultural. (NANQUE, 2016, p. 130)

A jornada de busca de um futuro “melhor” como é bem colocada pelo Rocludelo Nanque, não se limita só a vida na Europa como um dos principais diásporas, mas uma necessidade de expandir e levar as mais diferentes culturas e procurar com isso estabelecer um intercâmbio multicultural e identitária, apesar de que nem sempre esse caminho é mil maravilhas como é pensado pelos que nunca tiveram a oportunidade de deixar a terra natal. Viver diáspora é cada dia aprender e tentar deixar o passado para trás que é uma tarefa nada fácil tendo em conta que o nosso passado é que orienta o presente para que o futuro seja de êxito, essa é a reflexão de Tony Tcheka quando ele conta a história de *Malam di Mar*:

Malam di mar

Larga ridia

i ria rus

na yagu

i larga fulgu

pitu riba

i kamba mar

sim rema

ma alil li

itchiga

na terra branku

Djubi riba

Djubibas

Mangason di torkia

kanua...

negaradi

mare mugosi undel?

I kuma... kuma di fasi

Alili Malam

I na yalakasi

i sinta ku sinta

i na zibia

sim sibiba

(TCHEKA, 2008, 24)

As contribuições da literatura de Tcheka na difusão de uma diáspora que muitos escolheram para como um lugar de novos começos, muito embora esse lugar nem sempre seja tão acolhedor quanto os sonhos que nós seres diaspóricos almejamos. No poema “Malam di mar”, percebe-se a forma como personagem conseguiu acessar a *terra branku* (terra dos brancos ou Europa), através de uma lancha em que ele decide largar o seu trabalho de campo na esperança de ter um trabalho mais “digno” na Europa, só que *terra branku* não foi o que ele esperava e vem todo o arrependimento de *sim sibiba* (se eu soubesse). Infelizmente essa realidade de deixar o país é de muitos africanos, que pelo fato de nações africanas ou dirigentes africanos ainda não pararam para pensar o porquê dessa emigração frustrante dos seus povos? Tcheka em alguns poemas faz essa chamada de atenção, pois não existe lugar melhor para viver além do seu *tchon*.



#### 4. ENTREVISTA COM TONY TCHEKA

De: JNGC/MFMR- Salvador-Bahia, ago. 2019

Resposta de Tony tcheka 22.07.2020

##### **Como você vê a literatura Bissau-guineense\* hoje em dia?**

- A literatura guineense que tem no Cônego Marcelino Marques de Barros (1843-1929) as primeiras referências literárias, embora pouco e mal divulgadas, conheceu desde 1870, uma evolução gradativa nos diversos gêneros como se pode constatar através das suas obras publicadas ou não, e da sua diversidade temática, embora muitas outras tivessem ficado nas gavetas, por dificuldades de edição, ou simplesmente falta de interesse das autoridades de então. Entretanto, entre outros trabalhos ressalta o seu livro “Literatura dos negros: Contos, cantigas e parábolas “de 1900. Nos registos constam de Fausto Duarte “Aua-Novela Negra”, datada de 1934 e da portuguesa Fernanda de Castro “Mariazinha em Africa”1925 e outros trabalhos, como Africa Raiz. Se não houve, movimentos literários como aconteceu noutras partes de África, deve-se dar atenção à diversidade e riqueza da literatura oral, que tanto inspirou os primeiros escritores guineenses, e que ainda hoje ainda é uma fonte de referência no panorama nacional no que tange a criatividade. Importa também reconhecer o papel da Tipografia **de Bolama** surgida em 1879 e que logo após a sua fundação desempenhou um papel de relevo na área editorial e de publicação, inclusive de jornais, já que alguns deles, nomeadamente o “Bolamense” era um veículo de divulgação da literatura produzida na época. Quando queremos situar a nossa literatura, não podemos e nem devemos esquecer os trabalhos poéticos de Amílcar Cabral no período que vai de 1940 a 1950 e de Vasco Cabral a partir de 1955. O luso-guineense Carlos Semedo, pseudónimo de António José J. Leite de Magalhães, o poeta de Bolama como lhe chamou Moema Augel, com poemas publicados no “Bolamense”, também editou em 1963 o livro “Poemas. Este poeta que sofreu na pele o preço da sua abordagem temática sempre preocupado com as injustiças sociais e a discriminação vigente, acabou sendo expulso da Guiné, e a viver na então metrópole, até que por fim conseguiu viajar para Angola.

Morreu há dois anos em Lisboa, depois de um período de doença... Há publicações do Baticã Ferreira, um nome muitas vezes esquecido, datadas da década de 70, e Agnelo Regalla viu poemas seus publicados no início dos anos 70 na revista de referência pan-africana “AfriqueAsie”. Mais tarde já na independência foi um dos nomes na construção do livro “Mantinhas para quem Luta”. Deve-se aqui, entre outros nomes, fixar Pascoal D`Artagnan Aurigema, Atanásio Miranda e Quim diNha Rosa, pseudónimo de Joaquim Moreira.

Se é verdade que o primeiro livro de autores guineenses no período pós independência (1973) foi “Mantinhas para Quem Luta” e de um segundo “Momentos Primeiros de Construção”, ambos editados pelo Conselho Nacional de Cultura, não é menos verdade que de 1870, até essa altura, há uma história literária que por alguma leviandade foi ignorada. Hoje, há uma dinâmica nova ilustrada por uma mão cheia de autores nos diferentes géneros, nomeadamente, romance, contos, poesia, teatro, em obras individuais e coletivas. Para além do esforço dos autores, vencendo mil obstáculos e também a intervenção de duas editoras a “KU SI MON” e a “CORUBAL” criadas e animadas por pessoas ligadas às letras e à cultura, sem qualquer apoio do Estado que continua a não ter uma política cultural. Urge chamar a atenção a quantidade enorme de jovens a escrever. Obvio que há arestas e acertar e trabalhos de menor qualidade, mas também há passos consideráveis já dados. Auguro um futuro radiante para a nossa literatura, mesmo sem apoios governamentais, por ausência de sensibilidade e como disse e sublinho, falta de uma política cultural.

**Como vê o papel da Literatura na Guiné-Bissau? Você vê diferenças entre literatura e poesia, ou poesia e prosa, ou mesmo poesia e outras modalidades de escrita?**

- A poesia foi, a meu ver o género que mais evoluiu e aquele que conta com mais criadores. Quiçá, a razão de assim ser, deve-se ao facto de haver uma certa proximidade entre este género e a literatura oral. A nossa infância está povoada de histórias contadas e cantadas...Os provérbios, os ditos, as cantigas de embalar, as cantigas das mandjuandades, funcionaram como pontes que juntamente como outras leituras de

escritores africanos e europeus, e facilitaram a descoberta da poesia. E mais. Aqueles meninos que tiveram o o privilégio de frequentar a escola ainda durante o período colonial, conviveram com poetas portugueses, ouviram falar deles, leram os seus poemas... E à noite, nos Djumbaiouviamos muito da nossa historia não só contada pelos mais velhos, mas também cantadas. Os animais eram convocados viravam protagonistas e assim se foi construindo os alicerces que nos permitiram chegar à poesia e ao conto de uma forma quase natural. Repare como o conto também tem vindo a ganhar aderentes tanto entre escritores como leitores. Agora exibimos um défice enorme por falta de leitura. Ninguém pode escrever sem ler e ler muito. Isso está a acontecer na nossa terra.

Gostaria de chamar a atenção para o papel social que a literatura vem assumindo no panorama cultural e na construção dos valores e predicados que alicerçam a cidadania. São segmentos que contribuem na criação de uma opinião publica ativa que tarda em ser realidade. Não são só as leis e os textos políticos, ideológicos e convenções que concorrem para o exercício pleno da cidadania. A literatura no seu todo desvenda caminhos e pode ser um despertador assumindo a sua função social, sem ter se ser panfletária. A uma certa altura do nosso processo criativo que escrevemos muito panfleto, se quisermos uma escrita guerrilheira, dentro de um certo contexto. Depois temos de crescer. Daí falar da função social, algo polémico, sei-o bem, mas ela concorre para esse despertar fruto do entrosamento entre a realidade de ontem e de hoje e a sua abordagem de uma forma ficcionada...mas tudo muito proximo das pessoas. Acabam por ser retratos de uma vivência. Como ignorar as tendências politicas que vêm cavalgando pelo mundo todo. Muita demogocia, muito nacionalismo estreito e caduco, muito fake-news, feito verdade....Algum escritor pode ficar indiferente???Passar ao lado, ou fazer como a avestruz que perante o perigo, esconde a cara num buraco???

Voltando à minha apreciação aos géneros, faço justiça ao O estilo romanceado, à ficção, que já concorre no leque variado dos gostos, e mais, vem-se revelado motivante na conquista de novos espaços sugerindo reflexões e análises coletivas e mesmo em jeito de introspeções. Há cada vez mais titulos e muita diversidade que aguça os apetites abrindo por isso mesmo novos espaços.

**Quando o poeta começou a escrever e quais são as circunstâncias, motivações e objetivos que te levou a escrever?**

- Sinceramente a minha principal motivação, foi a leitura. Nesse aspecto, fui um privilegiado porquanto o meu pai tinha uma ampla e boa biblioteca em casa. De uma forma quase clandestina, ia escolhendo os livros pelos títulos e pelo tamanho, evitando os maiores e mais pesados que não davam jeito no manuseamento...e era difícil escondê-los debaixo do colchão... tudo isso dissipou quando o meu pai se apercebeu que andava alguém a mexer na biblioteca, alterando a ordem temática... Ao ser descoberto, tudo acabou ficando mais fácil. Ele selecionou alguns autores e obras e disse-me começa por esses e depois veremos...e assim foi o meu enamoramento pelo livro e dessa relação foi nascendo uma vontade miudinha de escrever. Depois de frases soltas, a poesia foi a primeira opção e aquela que se mantém até hoje. Os primeiros textos que nunca publiquei, dediquei-os à minha mãe, às namoradas, às amigas, e fui subindo essas escalas de sentimento e paixão até chegar a outros temas, sociais, culturais e de certa maneira à vida.

A leitura foi a minha primeira viagem inocente ao mundo real. Podia aqui citar vários autores e títulos, mas aquele que me sacudiu, que mexeu comigo, foi o brasileiro Josué de Castro e os seus títulos, *Geografia da Fome* e *Geopolítica da fome*. Foi o meu despertador e que me impeliu a questionar o mundo, as coisas boas e más da vida. Passei a olhar à minha volta, com outros olhos, com outro sentir.

**O que seria “*Noites de Insônias na Terra Adormecida*” nas suas palavras? Quais são os assuntos que mais interessaram o poeta nesse livro? Qual a motivação para escrever os poemas e, depois, organizar e editar o livro?**

- A minha terra viveu uma das maiores epopeias do mundo contemporâneo. Na década de sessenta e setenta entramos na história pela porta grande. Os guineenses quiseram libertar-se do jugo colonial pela força do diálogo, das palavras. Mas fomos obrigados a optar pela via da luta armada. Foram 11 anos a libertar a terra, palmo a palmo. Proclamamos a independência ainda com a potência colonizadora instalada na capital-Bissau. Enquanto decorria a guerra, os libertadores fundaram e dirigiram escolas para as crianças... Deram formação aos seus quadros... Nesse hiato formaram centenas de jovens, juntaram centenas de etnias num mesmo ideal. A palavra de ordem era construir o desenvolvimento da nossa terra já hoje. Foi uma epopeia maravilhosa, ousamos sonhar grande.. e depois, meia dúzia de anos passados, perdemos o fôlego, perdemos o

sonho, perdemos os ideais, deixamos de investir no homem. O homem, a mulher, as crianças guineenses foram esquecidos. Isso doi, mágoa. É uma afontra ver o tempo e escapar-se e nós capturados por gente nossa que vendeu a alma a interesses estranhos.

É todo este sentimento que extravasa nesse livro. O conteúdo, os propósitos a motivação, se quiser, a mensagem que esse livro comporta está plasmada e escancarada no seu próprio título. O desassossego da terra. Uma terra encravada. Uma terra parada no tempo, desacreditada por gente que em vez de a servir, só querem servir-se dela para o seu proveito pessoal. Selaram pactos com organizações marginais e interesses estranhos... Assistimos a um miserabilismo endêmico. Se alguém, um punhado de homens e mulheres ensaiarem uma passo que seja, para retomar o caminho preconizado do desenvolvimento, são eleitos de imediato inimigos a abater. Para aquele grupo que vem pisando o sentimento das populações, o sub-desenvolvimento e a miséria, não são inimigos. Quem pensa diferente é eleito inimigo. Os seus adversários, são aqueles que ousam pensar a terra, que têm um projeto de construção nacional que passa pela edificação de uma Nação que 40 anos após a independência, ainda não existe. Por não terem argumento válido e sustentável, recorrem às suas origens. Lembram-se da étnia a que pertencem, à confissão religiosa, ao facto das suas origens familiares serem humildes. Refugiam-se num bunker de flagelos e não conseguem pensar e nem agir como membro de um Estado moderno. Quando chegam ao poder ou gravitam à sua volta, tratam de se enriquecer depressa e muito. Nada fazem para que a maioria possa viver melhor. Falo do que vi. De tudo o que presenciei. Enquanto oposição são “sofredores de sempre”... quando têm o poder transformam-se em verbo de encher na primeiríssima pessoa.

Por tudo isso e muito mais, no tempo presente, a minha maior fonte de inspiração é a minha terra, a minha Guiné-bissau. O que mais me move é a situação calamitosa que a minha Guiné vem enfrentando. A pobreza moral e espiritual, a perda de valores, a coisificação das pessoas, a compra de consciências, o aumento de práticas nefastas, a má condição das escolas, ensino, saúde... Uma série de males que as estatísticas exibem, mas que se podem ler na cara dos meus compatriotas, no seu porte cabisbaixo e sofrido. Pensávamos que com a independência, que a canseira e os atrasos da “longa noite colonial” terminariam, mas a dura realidade mostra-nos que não. Para além d a

incompetência, há um grupo de pessoas que não deixa a terra andar, impedem a implementação de qualquer projeto sério.

Não posso aceitar e ou ficar indiferente que em cada período da época chuvosa são muitas as famílias que vêm as suas casas de lama e palha (colmo) a desmonerarem-se....enquanto se assiste a construção desenfreada de casas de luxo, mansões, de onde vem essa riqueza? A guiné-bissau foi capturada. De costas voltadas para a história, estamos a perder as nossas próprias pegadas, desvirtuando brutalmente a essência ideossincrática guineense. O homem guineense ousou sonhar e sonhou muito. Hoje essa clique que com apoio da força das armas, dominam tudo e todos nem sequer querem que sonhemos. Querem controlar até o pensamento das pessoas. Estão a acontecer situações que nem no período do monolismo se viveram. Fake-news, raptos, prisões sem mandato judicial, torturas, a política da força de armas vigora impune.

**Tony Tcheka constato no livro *Noites de Insônias na Terra Adormecida* a palavra “amanhã”, repetida dezesseis vezes. O que esse “amanhã” representa para o autor e para o seu povo – que insistentemente o poeta insere ao longo do livro em questão?**

- Pertença a uma geração que sempre acreditou no AMANHÃ. Num poema”pensar de menino”escrito há décadas, já cantava assim: (...) nas asas de um fada abelha/pousei de novo o meu olhar/co coração da minha tabanca/que agarrava o dia/ na ponta dos arados/amanhando o amanhã/no chão que logo será fartura. Uns anos depois num outro poema “Piquinoti”fazia ainda elegia ao Amanhã, mas já questionava (...) Mas/quando esse amanhã?

Para nós que na adolescência e juventude acreditamos na Independência, o AMANHÃ era ESPERANÇA, e a esperança era o amanhã, era uma vida melhor, o amanhã representava o futuro risonho, amigo do desenvolvimento, escola e saúde para todos. O amanhã representava dignidade, novas oportunidades, unidade nacional, com todos ao serviço da terra. Doi muito ver o estado da nossa terra, as cumplicidades com forças nefastas, como o narcotráfico, a excisão- mutilação genital feminina, ainda existem meninos de kriason, aumento vertiginoso de crianças talibés. O paludismo (malaria) continua a matar. Na nossa terra, mata mais que o Coronavírus- essa pandemia que hoje

ameaça a humanidade. Os índices de mortalidade materno-infantil são elevadíssimos. Isso é independência? Cada um usa a arma que tem. A palavra, o livro é arma que as pessoas das letras da cultura, devem brandir. E mesmo essa, as forças malignas que usurpam o poder na GB, querem afogar num mar de lágrimas, numa enxurrada de desesperança. “Noites de Insonia na Terra Adormecida” é uma denuncia e um alerta para o presente e o futuro. Por tudo isso odeiam a cultura.

Ainda agora, neste preciso momento chega-me a noticia que a Cultura foi despejada do largo dos Heróis Nacionais, sob a alegação que não pode ficar perto do Palacio do Presidente. Ora ali, nesse edificio, nesse mesmo local, funcionou desde a época colonial o Museu da Guiné que mais tarde coabitou com o primeiro Liceu de Bissau. Repare, onde está instalada a presidencia da Republica, já era o Palacio do Governador colonial. Até eles que resprentavam a dominação, nunca ousaram chegar a esse ponto de despejar a cultura... E que se saiba a cultura nunca deu um tiro aos seus inquilinos e foram muitos. Não para o cidadão entrar em DESESPERO?

**A palavra "Geba", assim como a palavra "amanhã", como vimos antes, é repetida diversas vezes no livro *Noites de Insônias na Terra Adormecida*. Comente um pouco essa repetição – que acho eu significativa – do rio geba na obra.**

- O Geba é um dos berços do nossa lingua o KRIOL. No Geba cultivou-se a alargou-se a noção e o sentimento da guinendade. E esse nome, o Geba é o rio que banha, liga e une toda a guine. É um rio manso e sereno mas nas suas profundes há uma força de correntes enorme. Não é qualquer um que nada em certas zonas desse rio que é o nosso "mar". O processo de libertação da nossa terra, começou com a palavra, numa atitude serena de quem quer dialogar. Mas depois ante a uma resposta violenta, os patriotas comportaram-se como o geba recorrendo a uma força imensa que estava adormecida...Sim, é verdade que na parte insular temos o oceano atlantico que banha uma centena de ilhas e ilheus- o arquipélago dos Bijagós. Mas o Geba é bem nosso, a seiva que nos alimenta o ego que nos faz viajar e nas horas amargas nos aproxima. No seu percurso pela terra toda, ele vai ganhando outros nomes, mas é o geba rebatizado ao passar por outras localidades guineenses.

**Há uma enorme distância do tempo entre a publicação *Noites de Insônias na Terra Adormecida* (1996) e *Guiné - Sabura que dói* (2008). O que tens a dizer sobre essa distância?**

- O processo da escrita comporta vários momentos. Há uns que o autor domina. A criatividade, a escrita em si são o seu domínio exclusivo. Outros há, que escapam o querer e a porfia do escritor. A edição e a distribuição é um outro mundo e apresenta regras próprias. Ali é o mercado que manda, com a sua lei. Tudo é condicionado pelo mercado que é o mesmo que dizer dinheiro/capital. Num país como o nosso, aonde tudo é prioritário, então a cultura é secundarizada, às vezes, esportivamente posta de lado. O Estado não subvenciona a literatura. Não tem uma política de incentivos à escrita. Há políticos que parecem odiar a literatura e as artes no geral. Quando criamos a Associação de Escritores da Guiné-Bissau "AEGUI" e depois da sua legalização, pedimos ao então Presidente da República que terminou o mandato agora com as últimas eleições, uma audiência para nos apresentarmos e falar do nosso programa. A resposta foi o silêncio. Não merecemos nem uma resposta quanto mais uma explicação. Fomos ostensivamente ignorados. A 1ª República de 1973 a 1980, foi o único período em que a cultura, experimentou o sabor da atenção. O Estado deu um sinal positivo com algumas iniciativas de apoio às letras e às artes. Lembro-me de ter criado e financiado o Conselho Nacional de Cultura que no âmbito da sua ação criou várias instituições como o INALID- Instituto Nacional do Livro e do Disc, a Escola da Música, a Casa da Cultura, o Balet Nacional "Esta é a nossa Patria Amada, e concedeu apoios à orquestra Nacional, Cobiana Jazz. Os dois primeiros livros publicados na Guiné-Bissau independente "Mantidas Para Quem Luta" e "Momentos Primeiros da Construção"...E por ali ficamos.

Se em 1996 publiquei o "Noites de Insonia na Terra Adormecida" foi graças à dinâmica de uma organização "GREC" - Grupo de Expressão Cultural criada por gente ligada às questões culturais. E neste quadro, foram publicados outros seis livros, com financiamento de União Europeia. Como o "GREC" não tinha personalidade jurídica, associamos o INEP ao projecto, para assim suprir essa lacuna disponibilizando a sua chancela.

Hoje, se os guineenses conseguem publicar é porque apareceu a Editora privada "KusiMon" e depois a "Corubal", ambas por iniciativa de pessoas ligadas ao mundo da



cultura. O meu livro “Guiné Sabura que Dói”, foi editado pela UNEAS – União Nacional dos Artistas e Escritores de S. Tomé- com apoio do Ministerio da Cultura- Direção Geral do Livro e das Bibliotecas de Portugal.

Um outro entrave a uma produção mais regular, tem a ver com a minha vida profissional. Para sobreviver, preciso trabalhar. Não faço parte do numero reduzido de escritores que vivem da escrita. Além de jornalismo enveredei por outras areas aumentando as minhas possibilidades de trabalho melhor remunerado. Durante mais de 20 anos, trabalhei com a UNICEF, SavetheChildren, UE, além de várias outras organizações, incluindo ONG’s, Associações Comunitárias e fiz uma mão cheia de consultorias. Veja bem, com a RaddaBarnen desempenhei funções de Coordenador de Programas e na parte final do contrato, fui Responsavel pelo Escritorio de Bissau que cobria vários países Africa Ocidental... Às vezes tinha mesmo de inventar o tempo ou subtrair as horas de lazer, para tratar de escrita e das atividades associativas da classe.

Moema Parente Augel, a grande estudiosa da literatura guineense e a autora do prefácio do seu primeiro livro de poesia *Noites de Insônias na Terra Adormecida* (1996), afirma em *Desafio do escombros; nação, identidades e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau* (2007), que “ a crítica literária tem o poder de consagrar ou proscrever um escritor”. Segundo constatei no livro da autora citada, em 1979, após dois anos de publicação de *Mantinhas para quem luta!* Mário de Andrade, angolano, considerado como um amante da literatura guineense, no seu segundo volume da *Antologia temática de poesia africana* incluiu apenas dois poetas guineenses: Agnello Regalla e José Carlos Schwarz. Manuel Ferreira, também, considerado um dos grandes estudiosos da literatura africana de língua portuguesa, autor da “antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa”, uma antologia de três volumes, cujo título é: *No reino de Caliban*, em que soma um total de cento e trinta e oito poetas participantes só **convidou um único poeta guineense: António Baticã Ferreira. É autor da conhecida frase: “Um Espaço vazio para literatura Bissau-guineense” (AUGEL, 2007, p.96). Convido-te a falar um pouco do silenciamento e ausência da literatura guineense e da postura desses dois intelectuais referidos e de outros mais recentes em relação à divulgação da literatura guineense.**

- Importa registrar que o regime colonial nunca investiu na Educação, ensino e mesmo na cultura guineense. Não é novidade, basta ver a elevada taxa de analfabetismo na então chamada Guiné Portuguesa. O regime segregacionista do indigenato vigorou até os anos sessenta. O ensino pré-secundário só surgiu no início da década de sessenta e muito seletivo e elitista. O Boletim Cultural da Guiné Portuguesa publicado de 1946 a 1977, contando 111 números apresentava trabalhos de referência, era animada exclusivamente por quadros portugueses afetos à administração colonial. Assim, a pouca estrutura cultural existente esteve entregue a figuras portuguesas ali residentes mas que nunca foram vistos ou considerados autores guineense. Não me pergunte o porquê porque não sei e nem me parece oportuno agora. A revista cultural “Poilão” era uma publicação afeta ao Banco Nacional Ultramarino. Ausência de uma escola aberta também aos guineenses tardou e muito, só surgindo numa altura em que as terras vizinhas da sub-região da África Ocidental já estavam independentes ou nesse processo, em fase de negociações finais. Há um conjunto de pressupostos que levaram o Manuel Ferreira que conheci de perto e a quem apresentei as minhas objeções às conclusões algo precipitadas quando o assunto requeria uma pesquisa mais aturada. Note-se que Fernando J.B.Martinho contraria Ferreira, trazendo à baila trabalhos de Vasco Cabral datadas de 1946 a 1950. Também se podia dar atenção à poesia de Amílcar Cabral produzida a partir de 1946, sem esquecer a enorme contribuição dada pelo Conegos Marcelino de Barros desde 1876. E outros mais recentes como o médico Baticã Ferreira e Carlos Semedo, o autor do livro poemas e designado por Moema Parente Augel como “o poeta de Bolama”, onde ele viveu muitos anos. Semedo, sendo de origem portuguesa identificou-se de tal ordem com a Guiné, que sofreu na pele essa relação e a forma como criticava a situação de subalternidade e de esquecimento a que os guineenses estavam votados. Devo dizer que houve muita leviandade de alguns estudiosos no que tange a literatura guineense. Em vez de aprofundar o estudo, ir ao local, investigar, auscultar falar com as pessoas, limitavam-se ao mais fácil, ver de longe e decalcar a opinião de um ou outro que se alvorava em especialista. E nisso tudo, houve dualidade de abordagem. Quando abordavam a literatura de países africanos de língua portuguesa em certos casos arrolavam escritores portugueses que viveram ou que por lá passaram. No caso guineense, os escritores portugueses e até caboverdianos, não eram considerados. Não estou a dizer que era justo ou não, regista-los como nacionais, em função dos conteúdos e linguagem. É só uma constatação.

Mario de Andrade que pertencia à chamada geração de Cabral escreveu esse livro, antes de pisar o solo guineense. Essa publicação acaba por sair quando ele já vivia em Bissau e com responsabilidades no pelouro da cultura, onde deu uma enorme contribuição na elevação e no conhecimento das letras e artes guineenses. E foi o grande impulsionador na edição dos dois primeiros livros da nova Republica.

**Qual a sua posição acerca de classificarem as literaturas dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa de “literaturas africanas de expressão portuguesa”, “literaturas africanas de língua portuguesa” ou “literaturas lusófonas”? Como você se autodesigna enquanto poeta ou escritor com relação a esses rótulos e gostaria de se apresentar e ser considerado?**

- Tenho uma visão propria. Antes de mais sou guineense como escritor para ser cidadão do mundo, como me considero, tenho de ter os pés bem colocados na terra que recebeu e guardou o meu umbigo, numa celebração afetiva e espiritual. Não é por acaso que nunca troquei e nem faço coabitar a minha nacionalidade com qualquer outra. Tenho uma terra berço, que é Bissau e a terra-mãe é a Guine-Bissau. Depois vem o mundo todo porque me sinto bem como cidadão do mundo. Igual a qualquer outro, mantendo a visão critica mas sem ressentimentos, esvaziado de ódio e crente que só há uma raça no mundo – a raça humana. Quem conhece a historia da humanidade e não sofre de ressabiamento, ou de outros complexos, sabe que assim é.

Defino-me assim, sem me achar nem mais nem menos que qualquer outro cidadão. Por isso não me preocupo com retoricas de somenos importancia. Nesta area o que me constrange e preocupa é a falta de apoios à literatura nos países do universo CPLP. Tanto a nível da cada país membro, como no conjunto dos os utentes da língua portuguesa. Não me perco dem debates estéreis. Recuso tudo o que não nos leva a nada. O politicamente correto, não mora em mim. Por exemplo defendo o Acordo Ortográfico da Lingua Portuguesa. Todos temos a ganhar. Não há donos da lingua.

Gostem ou não, sei quem sou e para onde vou. Sem quaiquer complexos, como guineense, assumo uma relação igualitaria entre o português e o Kriol- a lingua guineense. São duas pontes que nos levam a estar no mundo sem perder as nossas referencias. Daí usar as duas indistintamente, muitas vezes no mesmo texto. Rotulos e etiquetas não me dizem nada. Pensar local e agir global é o que falta a muita gente que

se perde em preciosismos de linguagem, assunto tema de moda e afins. Há muita gente mesmo de outros espaços culturais e linguísticos que se sentem confortáveis da condição de pertencerem à francofonia e ou anglofonia e são acérrimos críticos da expressão lusofonia... Não dá para entender. O que conta para mim, são os propósitos, os conteúdos e não perder a identidade. Por exemplo não subscrevo a frase de Fernando Pessoa “A minha Pátria é a Língua Portuguesa”. O próprio processo árduo e penoso da construção da Guiné-Bissau, uma terra multifacetada, plurilinguística, multicolor albergando uma trintena de línguas e comunidades, colide com essa noção de Pátria. Assumir a criolofonia e a lusofonia, não é uma aberração. Como homem da cultura, sinto-me bem nesse enquadramento, nem mais, nem menos. E sigo usando as duas línguas na minha escrita e na comunicação.

**Como você se posiciona com relação ao crioulo e ao português na vida guineense, na literatura nacional e na sua própria literatura e poesia?**

- Acho que em parte respondi a esta questão na pergunta anterior. Penso e sinto nas duas línguas. Crio e escrevo nas duas línguas. Elas não me atrapalham, antes pelo contrário complementam-se. Quando estou no meio guineense a tendência é usar a língua guineense. Se estou noutros ambientes, com companheiros e amigos dos PALOP e da CPLP, é óbvio que a comunicação é feita em português. E então, onde está o problema? Não está em lado nenhum porque ele não existe. Nós guineenses temos é de trabalhar na normalização do Kriol, como língua que é, adotando regras, como acontece com todas as línguas do mundo. Isso sim é fazer crescer a okriol a língua guineense. E o seu crescimento em nada desvaloriza o português.

Por outro lado, apraz-me vincar que hoje a língua portuguesa é tão pertença de um minhoto como o é de um bafatense, de um sampadjudo ou de um maputense, de um carioca... Nós apropriamo-nos da língua portuguesa. Ela também é nossa. Não me aproximo ou me afasto de alguém por falar uma ou outra língua, mas sim pela sua forma de pensar, de ser, de estar. Qual é o orgulho que posso ter num conterrâneo, um compatriota, que exhibe no seu dia a dia, uma mentalidade retrograda, que não observa os direitos humanos e os valores da cidadania? Sinto-me bem mais perto de um lapão, desde que entre nós prevaleçam esses valores, esses traços identitários.

**Você já pensou em escrever ficção e textos de opinião sobre a vida, o país – no seu caso, os países: Guiné e Portugal – e a literatura, ou a arte?**

- Como jornalista na minha longa carreira já escrevi bastantes textos de opinião, sobre um e outro país, mas também dos demais países irmãos e não irmãos, com a mesma pena... Na poesia, a opinião e a visão ou leitura própria estão lá de letra e sentimentos abertos, não se esconde. Tudo isso faz o texto. Ela falam, interpelam quem a lê. Mas o meu proximo livro que vai sair dentro de um dois meses, será ficção e comporta muita opinião mas muita opinião mesmo, sobre a realação entre cidadãos guineenses em Portugal numa época recente que marcou profundamente o futuro desses dois países. E o proximo também ficção, já está praticamente finalizada e segue essa linha, reconstituído a nossa Bissau nos ultimos dias de colonialismo e os primeiros momentos da independencia. E poderá sair no final do ano. Voltarei à poesia em 2021.

**Desta vez o poeta volta a morar em Lisboa, depois de muitos anos ausentes da Terra dos colonos. “Já não caibo nesta concha”, revela um dos versos do poema “Sonho emigrante”, do livro *Noites de Insônias na Terra Adormecida*. Por que essa imagem de “concha”?**

- É bom deixar claro que não deixei Bissau e nem troquei a Guiné-Bissau por Portugal. A minha residência continua a ser Bissau. Assim acontece desde a independência. Um premio literário permitiu-me viajar e estar um tempo em Portugal. Aproveitei essa oportunidade para escrever, participar em vários eventos e recolher matéria para novas criações. Inseri-me nos meios culturais, desenvolvi atividades e confesso que cresci como cidadão do mundo que reclamo ser. E esta terra, Portugal de hoje, já não é mais a terra dos colonos. Nós proprios, guineenses demos uma inestimável contribuição para acabar com os colonos, como a historia comprova. E isso é motivo de orgulho. O movimento que depôs o regime colonial, como sabemos, nasceu na Guiné-Bissau. Que possam restar alguns resquícios dessa época, alguns complexos de um lado e do outro, também é normal. Cabe-nos é construir as nossas terras. Quanto maior for o

desenvolvimento, com escola, saúde e empregos condignos, menos espaços haverá para saudosistas e manifestações de nacionalismo primário. A pobreza, a exclusão, a falta de oportunidade é que favorecem esse sentimento mesquinho. O planeta azul, é um só. É de todos nós. A nossa origem é comum. Com Pangeia ou sem pangeias os estudos demonstram essa realidade. Continuo a não caber em nenhuma concha que me asfixie. Sinceramente hoje sinto-me mal pelo que vejo acontecer na minha terra. Mas nem por isso vou desertar. Não me posso separar da minha musa de sempre – a terra onde o meu umbigo foi enterrado, onde dei os primeiros passos, onde balbuciei as primeiras palavras, onde juntei e soletrei as primeiras letras, sob a mestria da minha mãe.

**O poeta ainda se sente estranho, emigrante ou estrangeiro num país em que já viveu há tantos anos? Como é a sua vida aqui?**

- Quando os valores são invertidos ou os direitos são suprimidos, mesmo que não seja eu o sujeito diretamente penalizado por essas atitudes, sinto-me ferido, excluído. É o que se está a acontecer na nossa terra. E isso doi, fere belisca a essência da cidadania e atenta contra a própria Constituição da República. Sinto-me empurrado para a condição de ser o outro. E isso não acato. Não pactuo. Não convivo com abusos, por isso não cabia nesse Portugal do antigamente, dos velhos de Restelo. Hoje repudio e denuncio a forma execrável como alguns atores políticos conduzem os destinos do país. A forma como usam a força para chegar e controlar o poder. Nesse contexto sinto-me estrangeiro na minha própria terra.

Quando Portugal abraçou a democracia e proclamou uma nova constituição, a noção do estrangeiro, do outro, foi dissipando. Há situações de racismo sim. Mas onde não há? É claro que não passei a ser português. Sou o mesmo guineense que não cabia na outra concha que foi esmagada com o 25 de Abril. Nem tudo é um mar de rosas, mas isso compete aos portugueses, à democracia resolver. Vivo preocupado é com a minha Guiné-Bissau. E já não sei se sofro mais estando fora ou lá dentro testemunhando as nossas dores e desilusões pelos sonhos desfeitos. Sinceramente cheguei a sentir-me deprimido por certas atitudes e comportamentos de pessoas que julgava próximas e dotadas de personalidade própria. Vi gente a mudar a troco de “prendas” a troco de uma viatura, de um gabinete, de um envelope gordo. Eu vi. Eu senti. Ninguém me contou.

Depois de muitos anos de confidências, declarações e resistência, vi gente amiga a sucumbir ao mais fácil e a favores.

**Fale um pouco sobre a vida em Portugal, o trânsito e o estar fora do país natal, ou sobre as noções de diáspora, exílio e desterro.**

- Como bem sabe a Guiné-Bissau, não tem uma historia de emigração. Por tradição só uma parte pequena da comunidade manjaca é que emigrava para o Senegal e dali passado algum tempo, alguns já com passaporte senegalês rumavam para França. A primeira grande vaga de emigrantes ocorre já na década de oitenta pouco depois do golpe de estado de Novembro de 1980. Depois, na sequência da guerra fratricida de 98-99, é que aconteceu a saída de massiva de guineenses rumo ao estrangeiro, nomeadamente Portugal, Senegal e Cabo Verde e algum tempo depois entre aqueles que desembarcaram em Lisboa, uma parte considerável seguiu para as terras de sua majestade (Grã-Bretanha) em busca de melhores condições de vida. Salvo raras exceções, a maioria fixou residência nesses países de acolhimento de onde enviam remessas que ajudam os seus familiares a fazer face às enormes dificuldades que não param de crescer. Regressam de férias para matar saudades com a promessa de um dia voltar.

Eu, só saí de da Guiné-Bissau e pela primeira vez, em vésperas de fazer 18 anos e por razões de estudo porque o meu pai queria que eu estudasse engenharia agrícola... Com o evento da Independência regressei e fixei a minha residência em Bissau até hoje. Portanto são dois contextos diferentes em épocas e razão de ser.

Aquando da guerra de 98-99, vi guineenses desesperadamente a deixar a terra, fugindo da guerra e vi gente nossa morrendo. Ninguemeté hoje soube estimar o numero de mortes provocado por esse conflito politico-militar. Sei que morreu muita, muita gente... Eu estava lá, entrincheirado em dias, noites e madrugadas de sofrimento. A minha casa foi brutalizada e destruíram tudo que era documentação e material sonoro, tudo devidamente catalogado e arquivado. A coleção do jornal Nô Pintcha até 1980 foi totalmente destruída, bem como a coleção completa do Boletim Cultural e do Anuário... Entes o material espezinhado pelas botas militares, estavam várias cassetes com Mulheres Guerrilheiras falando das suas experiências nas varias areas da Luta de

Libertação Nacional. Lembro-me, por exemplo de uma entrevista com Francisca Pereira como mais de três horas de gravação... Tinha um livro (ficção) pronto “Viajar nas Viagens” que seria a minha estreia editorial em ficção, desapareceu... no meio dos estragos, no meu quintal, junto do cadáver do meu cão várias vezes baleado, restava apenas uma lixeira vergonhosa.

Uma parte da minha poesia retrata esses momentos dramaticos da nossa história e só os escrevi bem depois da guerra, quando consegui exorcizar aqueles 11 meses em que o homem foi um bicho predador e das perdas que tive.

Depois de tudo isso escevi deste lado do palco, a vida na diáspora. Hoje integro um Grupo de Reflexão e Análise, que entre vários temas e disciplinas se ocupa desta questão que não sendo fácil, já foi pior. Ainda sobre o tema da emigração, acho que o ser humano só emigra quando se sente desgastado ou açoitado. Sai à procura do melhor. Sai para esquecer. Sai vencido por exaustão. Conto ficcionar esta via num dos próximos livros que já comecei a escrever na minha mente. Já fixei o tronco da árvore. Há-de acontecer. Quiçá poderá vir a ser o quarto livro na forja de espera.

**No livro *Noites de Insônia na terra Adormecida*, há dois poemas em homenagem ao José Carlos Schwarz: “Morte de Poeta” e “Zé meu poeta”. Conte-me pouco da sua relação com o poeta – que muito cedo “Negou a vida”.**

- O Zé, que os amigos também tratavam por Zé kabalo, era uma pessoa de fino trato, sabia lidar com o ser humano. Não diferenciava ninguém mas era intransigente nos seus princípios. Fomos amigos desde a infância e consolidamos essa relação, já depois da independência. As nossas conversas iam do trivial às questões mais sérias que tanto podiam ser sobre episódios da história universal, como o processo da reconstrução nacional... o pensamento de Amílcar Cabral, a governação em curso. Entre nós não havia assuntos tabus. Três vezes por semana, passávamos muitas horas à noite, enquanto decorria o fecho e impressão do jornal Nôpintcha, a trocar ideias sobre o rumo da terra, a situação nos demais países africanos. Ele colaborava com o jornal que na altura eu dirigia, enviando textos sob a forma de carta dos leitores, e os temas variavam, tanto podiam ser a revolução cultural chinesa, como as opções e vias para o desenvolvimento da nossa terra. Era uma pessoa preocupada com a nossa terra, mas



também com o mundo. Tinha o sentido da perfeição muito apurado. Não se deixava satisfazer pelo “mais ou menos”, era exigente para consigo mesmo. E como homem das letras e da cultura, além de exímio compositor era um poeta de boa pena, escrevia indistintamente em Kriol, Português e Francês.

Morreu cedo e tinha tanto, tanto para dar. Era competente, bem informado e exibia um apetite voraz pelo conhecimento. Perdemos um quadro de gabarito e que hoje tanta falta nos faz. Mas também garanto, ele teria a espada desembainhada para hoje enfrentar os “malfeitores” da terra. Era homem de muito questionar, de confrontar ideias e pensamentos, sempre na busca do melhor posicionamento, com base no seu compromisso com a nossa Guiné-Bissau que ele tanto amava.

**É grande verdade que Tony Tcheka é um dos poucos escritores a participar em todas as antologias poéticas publicadas na Guiné-Bissau. Percebemos que, desde a primeira participação na antologia *Mantanhas para quem luta*, a maioria dos seus versos mostram os sofrimentos, desespero e desassossego das crianças do seu chão. Você pode nos explicar por que cita as crianças repetidas vezes nos seus versos? E por que a aparente insistência na dor?**

- Abordo muito a temática da criança e da mulher, são dois grupos vulneráveis da nossa sociedade. São duplamente exploradas e subalternizadas e isso constata-se nos diferentes segmentos e áreas da vida nacional. Trabalhei profissionalmente e durante muitos anos sobre estes temas e constatei no terreno essa dura realidade. Os casos dos meninos de Kriason, as crianças Talibés, as raparigas obrigadas ao casamento precoce, muitas delas negociadas na hora do nascimento, a mutilação genital feminina, os trabalhos domésticos pesados que começam antes do nascer do sol e sem hora para acabar... são situações pré-históricas que sobrevivem nas nossas sociedades e com tendência para aumentar. Nunca houve tantas crianças talibés como hoje, são “exportadas” pelos pais alegando que vão aprender na escola marabu no Senegal, quando na verdade são exploradas até à medula... Passam o dia e noites, durante anos a fio, mendigando pelas ruas e só podem voltar à casa dos seus senhores, quando a lata que transportam pendurada ao pescoço, estiver bem cheia de moedas.. É triste, dramático mesmo ver os governos africanos indiferentes a essas situações ignóbeis, quando são assinantes da Convenção dos Direitos da Criança, a Carta Africana dos Direitos da Mulher. Como ficar indiferente a esses males? Como não elegê-los como

temas prioritários na literatura, nas artes? Porque razão nas escolas não são postas em causa na matéria curricular da escola primária à universidade? É um cinismo insuportável. Se hoje alguma unidade familiar é exibida na nossa terra, é mercê do trabalho árduo e persistente das mulheres. A mulher-bidera tem sido o fulcro da balança social e da manutenção dos laços de família, ante a carestia de vida, acelerada pelo desemprego e aumento assustador da pobreza.

**Quais as suas relações com o seu país, com o poder das várias instituições que considera objeto de atenção e em especial com a política e o Estado?**

-Considero-me um militante ativo da causa Guiné. Não milito em nenhum partido político. Toda a minha militância é em defesa da minha terra. Desvinculei-me do Estado, há muitos anos, esgotado pelas pressões constantes muitas vezes resultantes da leitura e interesses dos ministros, (nem todos. Optei por trabalhar com ONG's e Organizações internacionais com sede em Bissau e não estou arrependido. Trabalhei muito e aprendi muito mais... Devo confessar que me revejo no pensamento de Amílcar Cabral, o homem que foi considerado por um dos grandes especialistas de assuntos africanos, à escala mundial, o inglês Basil Davidson, jornalista, escritor, historiador e africanista britânico, como o maior líder africano de todos os tempos. Subscrovo inteiramente essa distinção. Se estudarmos Cabral, que teve uma morte prematura, encontramos tudo para conduzir a nossa terra por caminhos de desenvolvimento, com dignidade, sem termos de nos colocar de joelhos ou feitos pedintes.

**Como se dá o seu processo de criação? O que o move como escritor e como poeta?**

- É um processo solitário. Começo com um diálogo interno, de mim para mim, falando comigo. Primeiro escolho o tema. Depois vou elegendo e eliminando personagem ou personagens. Elaboro na mente uma linha condutora inicial que muitas vezes vou alterando. Nesta fase pouco o nada escrevo. Às vezes tomo pequenas notas, mas não entro propriamente na escrita. Faço uma viagem interior...Acontecem situações em que acordo a meio da noite, ou de madrugada e desato a escrever. Em certos casos o ato de criação e escrita, assemelha-se a hora de plantar uma flor.

O que me move? Como escritor não posso e nem me autorizo a olhar de esguelha para a sociedade. Olho de frente, perscutando, questionando entro sem pedir licença...registro e passo tudo para o papel. Quando termino um obra, esqueço tudo e afasto-me do trabalho feito que passa a ser pertença dos destinatários, os leitores. Movo-me sempre em direção das pessoas, da terra, dos seus sonhos. Alimento-me pelos valores que alicerçam a nossa idiossincrasia, a seiva da guinendade.

**Gostaria de saber de onde vem a sua inspiração e quais os temas e questões preferidos?**

- Ela vem com o perfume e os odores que brotam do meio onde me insiro. Concretizando, diria que podem surgir em função dos sonhos, de prespetivasfrustadas, desaires sociais.... Encontros e desencontros com a historia, momentos de tristeza, outras vezes de alegria. São tantas as vezes que a realidade me confronta e afronta empurrando-me para a escrita. Muitas vezes a inspiração surge ao ouvir ou a presenciar uma história. Às vezes nasce de uma simples leitura. São inumeras as situações que nos beliscam, que falam connosco, que nos interpelam. O meu porto de partida e de chegada na maioria das minhas viajenscaladas , mas que ecoam em mim como os nossos tambores, é a Guiné-Bissau que vem sendo açoitada tempo demais. Sutuações de injustiça, discriminação, abusos, mentiras promessas vãs...Nisso tudo que enuncio encontro os meus temas de eleição

**Você concorda com a minha leitura de que a voz dos excluídos estaria no centro da sua poesia?**

- Concerteza. Absolutamente, sem quaisquer duvidas. Isso é o que se diz “tiro na mouche”. Leu-me bem. E assim vai ser nas proximas obras ficcionadas a sair. Alterno o género, mas a voz é a direção são as mesmas. Esse é o “feedback” que me chega.

**De que forma(s) o cotidiano guineense ganha espaço nos seus três livros de poesia?**

- Sendo fiel à realidade. A lírica e a melodia não me obrigam a afastar da realidade. Posso utilizar as cores do arco-íris para pintar a realidade. Não tenho de me cingir ao cinzento para descrever o que doi, o que nos tolhe o caminho e as agruras da vida. O

quotidiano guineense apresenta-se em vários tons, e géneros. Hoje sobressai um elemento comum que se dá pelo nome de pobreza. E pobreza, é falta de meios, de alimentação condigna, não acesso à saúde, à escola e ao bem estar. Mas ainda há a pobreza moral.

**E quais são seus autores preferidos? Há outros estímulos de alguma forma interferindo na sua poesia?**

- Em muitos anos de leitura e de convívio assíduo, são muitos, e não gostaria no meio de tantos, destacar um ou outro, corria o risco de ser desleal para com eles e para comigo mesmo. Já deu para perceber que o meu tónico estimulante, é a Guiné-Bissau.

**Quais os seus textos preferidos nos três livros publicados até hoje?**

- Entre os meus cinco livros publicados e outros três a caminho do prelo sem esquecer os depositados em gavetas de espera, não seria capaz de escolher um ou outro. Um pai nunca deve diferenciar os seus filhos e nem gostar mais de um do que outro... deixo isso para os leitores e os críticos literários.

**E existem textos inéditos, aguardando publicação ou rejeitados pelo autor e/ou por editores?**

- Sim e muitos à espera da hora do parto editorial. Até hoje o único obstáculo é o acesso às editoras e o custo da produção do livro. Já falei nisso nesta conversa, de forma exaustiva.

**Para terminar, que conselhos você daria para as novas gerações que buscam se afirmar no mundo literário?**

- Por favor leiam. Mas leiam muito. É preferível ler um mau livro do que não ler nada. Vejo muita gente nova escrevendo mas deixando transparecer um enorme défice de leitura. Leiam tudo, banda desenhada, contos infantis, poesia, contos, romances, reportagens. Vejam filmes, ide ao teatro, mas não fiquem parados no tempo ou limitando-se aos joguinhos no “pc”.

Lisboa, 22.07.2020 (Tony tcheka)

Salvador-Bahia, ago. 2019

JNGC/MFMR.

\*\* - Observação: não gosto da expressão Bissau-Guineense. **Guineense**, sim. Bissau-Guineense é o que dizem os francófonos. veja o n/**Passaporte**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...]

Quero ser louco, deixem-me ser louco  
Para não mais pensar nos porquês  
Nem tão pouco ter que aceitar justificações  
Por atos ignóbeis e profundamente injustificáveis

Quero ser louco, deixem-me ser louco  
Para que a loucura sirva p´ra alguma coisa  
Não aguento mais esta maldita sanidade  
Que cruza os braços perante barbares

Que ignora por completo o sofrimento alheio  
Por achar que desejar um mundo melhor é loucura  
Esta horrível sanidade que criou seres insulares  
A mercê de obscuros interesses particulares

Quero ser louco...  
Pelo bem da minha pátria, deixem-me ser louco

Edson Incopté

In: *Insana Rebeldia*, 2012

Na minha cultura existe um provérbio na língua Guineense que diz *bianda sabi ka ta tarda na kabaz* (comida gostosa nunca demore no prato), mas isso não significa que está terminado o trabalho da pesquisa, pois estamos dar uma pausa para pensar um pouco e ver por onde vamos seguir com essa loucura como a aprece no epígrafe com texto de um jovem poeta da Guiné Edson Incopté. Seguindo essa deixa de loucura que também

estou vivenciando nesse momento e que o mundo inteiro enfrenta, decide mergulha no campo da pesquisa que não foi um desafio fácil e que ainda continua a ser, mas como diz Incopté “pelo bem da minha pátria, deixem-me ser louco” (2012, p.80), esse trecho do poema me marcou muito, porque me considero um louco para poder fazer algo para minha pátria, como já contei aqui em algum momento desse texto, não foi um processo fácil para chegar aqui um dia e escrever essas palavras nas considerações finais, pois precisa ser muito louco, por seu país e pelo mundo.

A produção desta dissertação que conta com quatro (04) capítulos, tem como objetivo principal trazer as contribuições das obras de Tony Tcheka na literatura guineense, o que tentei trazer desde início desse texto. Os debates de diferentes assuntos ligados a literatura e cultura da Guiné-Bissau que passa pela contextualização do processo dos diversos gêneros literária produzidas nesse país africano e seguindo com as provocações ao autor, puxando os assuntos como a língua guineense, a sociedade guineense, o *tchon* da Guiné, os grupos sociais, a identidade, a nação e a diáspora, são elementos que foram debatidos juntos com os poemas que compõem o livro *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996) e alguns poemas do livro *Guiné Sabura que Dói* (2008). O quarto (04) e último capítulo é muito interessante, pois é entrevista com o próprio autor das obras que foi debatida. Essa interlocução com o autor permitiu que muitas das minhas dúvidas e inquietações acerca das obras foram elucidadas, pois esse contanto não serviu só para esclarecer as minhas dúvidas, mas sim para complementar e enriquecer mais a pesquisa.

Durante todo processo da escrita que culminou com presença indesejada da pandemia de Coivd-19, não foi fácil e a dificuldade ainda aumenta quando se está longe de casa, mas com coragem estamos aqui para finalizar ou fazer esse grande diálogo com Tony Tcheka sobre entender a Guiné-Bissau através das suas obras literárias, um diálogo que foi muito interessante, tentei trazer um pouco do meu ponto de vista enquanto pesquisador de uma obra de um escritor do meu país que o cerne da sua escrita é baseado no dia-a-dia dos povos da Guiné-Bissau. Por agora espero que as metas foram alcançadas e cabe aos futuros leitores e pesquisadores fazerem análises e tirarem as suas conclusões sobre as provocações levantadas nessa dissertação. Como o próprio gênero do texto que é uma pesquisa e o objetivo é seguir pesquisando e ampliando horizonte de conhecimento pela frente. Enfim, esse é um pouco da minha loucura nesse mundo tão louco.

*Si kanua ka nkadja no na tchiga*

(se a canoa não encalhar vamos chegar)



## REFERÊNCIAS:

APPIAH, Kwame Anthony. **NA CASA DE MEU PAI: A África na filosofia da cultura**. 1.ed. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.

AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), (Série literária, Coleção Kebur, vol. 8)1998.

\_\_\_\_\_. O desafio do escomburo. Nação, identidades, pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

\_\_\_\_\_. **Prefácio**. In: TCHEKA, Tony (António Soares Lopes Jr.). Noites de insônia na terra adormecida. Bissau: INEP, 1996. Coleção Kebur, v. 2.

BAUMANN, Martin. Conceptualizing diaspora: the preservation of religious identity in foreign part, exemplified by Hindu communities outside India. *Temenos Journal*, Mount Pleasant, Michigan, v. 31, p. 19-35, 1995.

BÂ, Amadou Hampaté. **A Tradição Viva**. In: ISKANDER, Z. (Org.) História Geral da África. Vol. 1. São Paulo: Ática, Unesco, 1908. P. 181 - 218

BENJAMIN, Walter. **The storyteller: reflections on the work of Nikolai Leskov**. In: ARENDT, H. (Ed.). *Illuminations*. New York: Schocken, 1969. p. 83-109

BISPO, Érica. **Memória, Testemunho E Trauma Em Tony Tcheka**. Lex Cult Revista do CCJF, [S.I], v. 2, n. 1, p. 190-205, maio 2018. ISSN 2594-8261. Disponível em: <<http://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/47>>. Acesso: 23 de Março de 2020

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate **Diáspora, Espaço E Literatura: Alguns Caminhos Teóricos**. Revista Trama Volume 10 - Número 19 - 1º Semestre de 2014 Disponível em: <http://e.revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/9763/7176> Acesso em: 28/03/2020

CABRAL, Amílcar. **A prática revolucionária. Unidade e luta II**. Lisboa: Seara Nova, 1977 (Obras escolhidas de Amílcar Cabral, coord. por Mário de Andrade, vol. 2).

CAVACAS, Fernanda. **As manjuandades na tradição oral da Guiné-Bissau.** Escripta, Belo Horizonte, v. 3, nº 5, p. 227-242, 2sem. 1999

COUTO, Hildo Honório; EMBALO Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau.** PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. FFLCH/USP, Número 20, 2010.

EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e fator da identidade nacional.** v.18, p.101-107, 2008. Disponível em:<encurtador.com.br/ezCMP>. Acesso em: 24 mar. 2019.

HALL, Stuard. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade:** 11 Ed. 1 reimpressão. Editora, DPA, Rio de Janeiro, 2011

IANES, Augusto Cá. **Identidade e Violência na Construção da Nação Guineense: Uma Leitura das Narrativas de Abdulai Sila.** (Dissertação), UNILAB-Redenção/CE, 2020.

IÉ, Eliseu José Pereira. **Pequena Longa Viagem Da Literatura Guineense.**(Dissertação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

INCOPTÉ, Edson. **Insana Rebeldia.** 1ª Ed. Lisboa: Temas Originais, 2012

KANDJIMBO, Luís. **Ideogramas de Ngandji:** ensaio de leituras e paráfrases. 2.ed. Luanda: Triangularte, 2012.

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa Costa. **A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação.** Tese de doutorado em Letras, Universidade de Coimbra, 2014.

LOPES, Carlos. **KAABUNKE: Espaço, Território e Poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance Pré-coloniais.** 1ª ed (Trad. Maria Augusta Júdice e Lurdes Júdice). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MURARO, A.C. **As prendisajens poéticas em Ondjaki: dimensões da metáfora xão.** Dissertação de mestrado. PUC/SP. São Paulo, 2006.

NANQUE, Roclaudel N' da fã de Paulo Silva. Poética da dor-esperança: nação e diáspora em Noites de Insônia na Terra Adormecida e Guiné Sabura que Dói de Tony Tcheka. (Dissertação), Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação Brasileira. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2021

PONZANESI, Sandra. **Diaspora in time: Michael Ondaatje's *The English Patient***. In: SHACKLETON, Mark. (Ed.) *Diasporic literature and theory: where now?* Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 120-137.

QUEIROZ, Amarino de Oliveira. De stórias, passadas, soias e contági: diálogos entre oralidade e escrita nas literaturas da Guiné-Bissau e São Tomé Príncipe. In: FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. *África: escritas...*, 2012.

RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete. **Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2011.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. As Mandjuandadi – Cantigas da mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. (Tese). Belo Horizonte, 2010

\_\_\_\_\_. Guiné-Bissau: **história, culturas, sociedade e literatura**. Nandyala: Belo Horizonte, 2011.

SINGH, Shaleen. **Diaspora literature: a testimony of realism**, 2008. Disponível em: <<http://ezinearticles.com/?Diaspora-Literature—A-Testimony-of-Realism&id = 1362004>> Acesso em: 04/03/2020

TCHEKA, Tony. **Noites de Insônia na Terra Adormecida**. Bissau: Guiné Gráfica/Editora Escolar. 1996.

\_\_\_\_\_. **Guiné, Sabura Que Dói**. Maputo: UNEAS, 2008.

\_\_\_\_\_. **Desesperança no chão do medo e dor**. Lisboa: Corubal, 2015.